

### Cobertura 3

Quem é mais independente  
do que aquele que faz a vontade de Deus  
em cada coisa,  
que não busca a si mesmo em nenhuma delas?

Existe pessoa mais livre  
e mais disposta a realizar a vontade de Deus  
do que ela?

E a pureza de intenção,  
como melhor praticá-la  
senão pela prática da vontade de Deus?

Será que existe alguém que tenha uma  
pureza mais perfeita que não seja a de querer e fazer  
tudo o que Deus quer  
e da maneira como Ele quer?

Deus olha somente as obras  
quando Ele se reconhece nelas  
e quando a Ele são dedicadas.

(XII, 152-153)

### **PÁGINA ESQUERDA**

***“Deixemo-nos transformar pelo Espírito”***

*Sessão Internacional de  
revigoração espiritual  
e vicentino realizada na Casa-Mãe  
de 31 de março a 14 de abril de 2014  
para as Filhas da Caridade entre  
25 e 40 anos de vocação*

*Página da direita*

**SUMÁRIO  
JULHO-AGOSTO 2014**

- 210 Carta de 15 de agosto de 2014  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 213 Carta de 18 de julho de 2014  
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 219 “Enviadas em missão”  
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

Deixemo-nos transformar pelo Espírito

- 233 Na escola de Maria Imaculada, Serva e Mãe  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade
- 250 Em 1830, a Virgem Maria e Catarina Labouré  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade
- 271 “A Palavra de Deus: cinco conceitos para bem escutá-la” (continuação)  
Padre P. Griffin, cm, texto lido pelo Padre B. Schoepfer, Diretor geral
- 277 Testemunho da Província da Eslovênia  
Irmã Marta Jerman, Filha da Caridade

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

**CARTA DE 15 DE AGOSTO DE 2014**

Minhas queridas Irmãs,

Que a Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Há algumas semanas, chegam à Casa-Mãe numerosas mensagens, por ocasião do dia 15 de agosto; li todas com muita emoção e desejo inicialmente expressar-lhes meu agradecimento pelas orações, pelos votos cordiais e pelas notícias partilhadas.

Hoje, podemos cantar com Maria: “*porque (Deus) olhou para a humildade de sua serva, doravante as gerações não de chamar-me de bendita. O Poderoso fez em mim maravilhas, Santo é seu nome*”<sup>1</sup>. Nesta festa da Assunção, o corpo de Maria é transfigurado em Deus, prelúdio da nossa própria transfiguração. Doravante, com Jesus, Maria vela sobre seus irmãos e irmãs em humanidade que continuam sua caminhada na terra. Ela é Consoladora dos aflitos, Espelho de justiça, Porta do céu... e Única Mãe da Companhia.

*Consoladora dos aflitos*, ela olha com compaixão e ternura todos aqueles e aquelas que são vítimas de catástrofes naturais, epidemias e de violência, obrigando-os a fugir de seus países...

*Espelho de justiça*, ela sustenta aqueles e aquelas que são privados dos seus direitos, que são perseguidos, por sua religião, sua pertença étnica... Fortalece a coragem daqueles que não se conformam diante das desigualdades, que *assumem a causa dos pobres, trabalham no plano social para mudar as estruturas injustas que geram a pobreza*<sup>2</sup>.

*Porta do Céu*, ela é aquela que geralmente abre o caminho da oração para as crianças, e é também quem acolhe os agonizantes, tomando-os pela mão para ajudá-los a ultrapassar o limiar da Vida.

*Única Mãe da Companhia*, ela é para nós modelo de serva humilde e disponível. Em uma carta a São Vicente em março de 1646, Santa Luísa descreve assim sua devoção marial: “... *pedir a Deus, por meio da Encarnação de seu Filho e as súplicas da Santíssima Virgem, a pureza necessária à Companhia das Irmãs da Caridade e o vigor da Companhia, segundo seu divino beneplácito*”<sup>3</sup>.

As Conselheiras e eu estamos atentas, assim como todas as Irmãs, aos dramas relatados pelas mídias... a ameaça de Boko Haram na Nigéria e no norte dos Camarões, o vírus Ebola na África Ocidental, a violência na Líbia, na República Centrafricana e, no Oriente Médio o já tão longo sofrimento do povo sírio, os combates na Faixa de Gaza, o êxodo dos cristãos do Iraque, sem esquecer os distúrbios na Ucrânia e por toda parte a crise econômica e o triste destino reservado aos imigrantes... Eu poderia completar e detalhar esta lista, como vocês sabem muito bem. Mas, hoje, na festa de 15 de agosto, a Igreja nos apresenta a Virgem Maria, como um sinal de esperança e um apoio seguro. Uma mulher tão frágil e forte ao mesmo tempo, que também viveu em uma época marcada pela violência e a desigualdade, mas que nunca vacilou na fé nem na confiança. Olhemos para ela e apresentemos-lhe estes sofrimentos.

Confiemos a Maria as quatro Irmãs da Província de Pamplona que serviam os pobres em Trípoli (Líbia) e que tiveram, pela segunda vez, que deixar este país entregue ao caos; a insegurança urbana as impedia de realizar seu serviço habitual, junto aos doentes, às crianças da Escola filipina e aos numerosos refugiados subsarianos em Trípoli. Voltaram, portanto aos seus países de origem, a Espanha e as Filipinas, esperando retornar em breve à Líbia.

O Papa Francisco e nossos Bispos que denunciaram vigorosamente a violência, a rejeição ao estrangeiro e às vezes nossa própria tibieza, nos lembram nosso dever de falar e de agir, bem como a força da oração e do recurso a Maria.

Tive a alegria de receber muitos ecos excelentes das Assembleias provinciais. Algumas recém-terminadas, mas a maioria já encerrada há algumas semanas. Fiquei impressionada ao constatar o quanto as Irmãs expressaram com sinceridade o desejo de avançar, de ser audaciosas no exercício da caridade para responder aos apelos de hoje, com um novo elã missionário. O Espírito está em ação e estou convicta de que a Assembleia geral colherá os frutos destes trabalhos em uma grande colheita para o bem dos pobres e da Companhia.

O Conselho geral vai multiplicar as sessões a fim de trabalhar mais diretamente na preparação desta Assembleia geral. Eu sei e, suas cartas me demonstram mais uma vez, que é geral a certeza desta intenção em suas orações.

Reitero mais uma vez minha gratidão e asseguro-lhes, junto a Maria, minha oração na intenção de cada uma. Boas Festas da Assunção!

Com minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc  
*Filha da Caridade*

**Notas:**

<sup>1</sup> Lc 1, 48-49.

<sup>2</sup> Cf. Constituição 24e.

<sup>3</sup> Escritos Espirituais, SL, C.143, pág. 166

**PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL**

Carta de 18 de julho de 2014

Queridos membros da Família Vicentina,

Em vista da festa de São Vicente de Paulo, em nome da Família Vicentina e dos responsáveis de nossos diferentes ramos, escrevo-lhes para informar que decidimos dedicar o próximo ano à “nova evangelização”. Nós o faremos como Família Vicentina, centrando nossa atenção sobre três pontos-chaves de fidelidade no seguimento de Jesus Cristo, evangelizador e servidor dos pobres:

- A necessidade de uma conversão pessoal e comunitária,
- A necessidade de ir além de nós mesmos escutando o grito dos pobres, sobretudo, daqueles que vivem na periferia de nossas cidades e à margem da sociedade atual,
- A necessidade de evangelizar e de oferecer novas formas de praticar a pastoral da família.

De 5 a 19 de outubro de 2014, o Papa Francisco realizará um Sínodo de Bispos para estudar “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”. É um tema importante proposto pelo nosso Santo Padre para o bem da Igreja, segundo mostrará este Sínodo.

No início de seu pontificado, o Papa São João Paulo II lançou o apelo a uma “nova evangelização” para incentivar um novo fervor e meios inovadores para encontrar Jesus, aprofundar nossa relação com Cristo e crescer na vida de fé. Este apelo de João Paulo II, veio em um momento de mal-estar geral entre os cristãos, especialmente nos países do mundo desenvolvido. João Paulo II acreditava que os cristãos estavam tornando-se menos fervorosos em sua prática de fé, de modo que ele chamou à conversão e a uma nova evangelização. Estas dinâmicas em favor de uma revitalização foram retomadas e incentivadas por seus dois sucessores, o Papa emérito Bento XVI e o Papa Francisco.

Redescobrir e encontrar novamente Jesus com amor em nossos corações, aprofundando nosso relacionamento com Ele para crescer em nosso ser de discípulos é um aspecto essencial desta nova iniciativa. Trata-se de um aprofundamento pessoal da nossa fé no Deus de Jesus Cristo, um fruto do Espírito Santo. Este amor nos guia no caminho da devoção a Deus e da dedicação aos outros, especialmente os pobres. Como cristãos verdadeiramente comprometidos e como discípulos de Jesus, compartilhamos a Boa Nova do amor de Deus que se encontra nas Sagradas Escrituras e nos Sacramentos. A tarefa de todo fiel católico batizado é de tornar Jesus conhecido a todos.

Para fazer isso, a Igreja nos convida à conversão, a uma nova maneira de encontrar Deus e de crer Nele, de compartilhar a Boa Nova com os outros. Para viver esta experiência de conversão e seguir um novo caminho para encontrar Deus, devemos deixar nosso próprio conforto e escutar o Senhor quando Ele nos fala nas profundezas de nosso coração. Na condição de membros da Família Vicentina, como podemos responder a este apelo à conversão e à nova evangelização? O carisma que São Vicente de Paulo compartilhou com Santa Luísa de Marillac e que continuou com o Bem-aventurado Frederico Ozanam e com muitos outros na tradição vicentina, consistia no cuidado dos pobres e desprovidos. Mas este incluía também o “cuidado das almas”, como sendo uma parte essencial da missão.

Na vocação vicentina, missão e caridade são inseparáveis. As obras de misericórdia corporais e espirituais e o serviço andam sempre de mãos dadas. Estas instruções dirigidas às Filhas da Caridade no seu serviço dos pobres nos falam: a “principal preocupação fazê-los conhecer Deus, anunciar-lhes o Evangelho e tornar presente o Reino” (Constituições das Filhas da Caridade, 10a). O Bem-aventurado Frederico Ozanam enfatizava que a ajuda material não era o único aspecto do serviço dos pobres da Sociedade. Ao contrário, lembrava aos confrades que sua espiritualidade e seu testemunho cristão, cheio da ternura do amor de Deus, ajudavam muitos cristãos a voltar à fé como também a evangelização de muitos não cristãos. É uma virtude essencial de nossa espiritualidade vicentina: desenvolver e aprofundar a nossa relação com Jesus e ajudar outros a encontrar o Cristo. É a fé em atos.

São muitos os desafios que nos esperam na vida cotidiana. Mas é agora o momento favorável para anunciar a Boa Nova da salvação em Jesus Cristo. Embora vivamos em um ambiente muitas vezes indiferente à religião, as pessoas ainda têm real sede de valores mais elevados. Há uma fome de Deus no meio do povo de Deus, especialmente quando se aspira a um novo modo de viver que difere das normas vigentes da sociedade. Somos tentados a adotar a maneira como as pessoas vivem este ambiente de indiferença religiosa e nos acostumar a aceitar a pouca importância que as pessoas atribuem às questões essenciais da fé e do sentido da vida neste mundo.

Porém, estamos conscientes da realidade do que acontece quando as pessoas se esquecem de Deus? Isso indica muitas vezes uma verdadeira pobreza espiritual e material. São Vicente foi profundamente afetado pela situação na qual se encontravam as pessoas de seu tempo: aqueles que viviam na miséria e na ignorância e que não sabiam nada sobre Deus nem sobre Seu amor. É por esta razão que Vicente disse com vigor e convicção: “Uma coisa é certa, fui enviado não somente para amar a Deus, mas fazê-lo amado. Não me basta amar a Deus, se meu próximo não o ama” (Coste XII, conferência de 30 de maio de 1659, pág.262).

Se não tivéssemos sequer um pouco deste amor, desviaríamos nossos olhos e cruzaríamos os braços? Nunca! A caridade não pode ser ociosa. A caridade nos impele a fazer o nosso melhor para levar o conforto e a salvação àqueles que sofrem. Nossa vocação de vicentinos consiste em inflamar o coração dos outros: fazer o que o próprio Filho de Deus fez. Ele veio trazer fogo ao mundo, inflamá-lo com seu amor. O que devemos esperar para nós mesmos, senão nos inflamar de amor por Cristo e ser consumidos por esse amor?

Como membros da Família Vicentina, somos chamados a ser agentes da evangelização oferecendo um serviço pleno de amor. A caridade é o principal valor da vida e, o desafio à comunidade cristã é torná-la ativa no mundo de hoje. Nunca devemos separar nem contrapor a relação intrínseca entre fé e caridade. Somos discípulos de Jesus quando propagamos o amor de Deus e quando nós nos comprometemos a participar plenamente na vida e na missão da Igreja. Fomos conquistados pelo amor de Cristo! Por conseguinte, sob o poder desse amor, estamos totalmente abertos a amar concretamente o nosso próximo. Aqui podemos lembrar-nos da divisa das Filhas da Caridade, cujas palavras são tiradas da Escritura: “O amor de Cristo crucificado nos impele” (cf. 2 Cor 5, 14).

A fé nos permite reconhecer os dons que nosso Deus, em sua bondade e generosidade nos confiou. A caridade os torna fecundos. Pela fé, entramos em amizade com o Senhor. Pela virtude da caridade, esta amizade é cultivada e colocada em obras. A relação entre fé e caridade é exaltada neste vínculo íntimo entre elas. Eis o que significa tornar efetivo o Evangelho na vida das pessoas. A encíclica *Lumen Fidei* fala sobre as repercussões da fé no mundo dizendo-nos que: “a luz da fé coloca-se a serviço concreto da justiça, do direito e da paz” (LF, 2013, 51). A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* fala do serviço da caridade como um elemento constitutivo da missão da Igreja, que reflete a essência do que somos como Igreja.

Como a Igreja é missionária por natureza, ela está indelevelmente ligada à virtude da caridade, particularmente prodigalizando uma caridade efetiva ao nosso próximo. Quando aceitamos o desafio da missão impregnada da caridade de Cristo, podemos nos identificar às pessoas que vivem na pobreza e servi-las. Nossos corações vicentinos aceitam com alegria o apelo da *Evangelii Gaudium*, a sermos instrumentos de Deus na libertação e promoção dos pobres, permitindo-lhes alcançar sua promoção integral na sociedade (EG, 2013, 182). Devemos ser dóceis e atentos à escuta do clamor dos pobres e prontos a correr em seu socorro. Fazemos isso, deixando nosso próprio conforto e indo à periferia e às margens encontrar as pessoas que vivem na pobreza.

Saiamos de nós mesmos para ir ao encontro dos pobres, apressadamente, inflamados do amor de Deus. No quarto capítulo de *Evangelii Gaudium*, encontramos numerosas ideias que estão de acordo com o nosso carisma. As palavras deste capítulo parecem descrever a vida e as ações de São Vicente e de Santa Luísa, de todos os outros santos e bem-aventurados. Eis aí um exemplo do que nos diz o capítulo quatro: os pobres são os preferidos de Deus; os pobres ocupam um lugar privilegiado na Igreja e os pobres são nossos evangelizadores. Se essas ideias que provêm de *Evangelii Gaudium* nos parecem familiares, não há nisso nada de extraordinário!

A nova evangelização é uma iniciativa para nos ajudar a reconhecer a força salvífica que as pessoas que vivem na pobreza têm no Cristo e a colocá-las no centro da Igreja. Descobrimos o Cristo nos pobres; defendemos suas causas; somos os seus servos; ouvimo-los; e eles nos chamam a refletir sobre a sabedoria misteriosa de Deus, que muitas vezes se revela a nós através de sua própria vida.

No contexto dos sofrimentos e das lutas que as famílias suportam hoje, a nova evangelização pode responder a uma necessidade urgente, como mostra o documento preparatório sobre a pastoral familiar, publicado em vista da terceira assembleia geral extraordinária do Sínodo dos Bispos. A doutrina da Igreja sobre o casamento deve ser apresentada de forma eficaz e compreensível para chegar ao coração de muitos e transformar sua vida conforme a vontade de Deus manifestada em Jesus Cristo. Outros documentos da Igreja

evocam as necessidades pastorais da família como uma dimensão essencial da evangelização. É um chamado a renovar nossa compreensão do sacramento do matrimônio e da vocação cristã dos casais e a fortalecer as famílias para o bem da Igreja e da sociedade. Como membros da Família Vicentina, deveríamos perguntar-nos o que poderíamos fazer para evangelizar as famílias que servimos e aquelas com as quais estamos em contato.

Falo aqui das famílias que encontramos em nossas paróquias, escolas, serviços sociais, e em muitos outros serviços onde colaboramos, como Família Vicentina, para servir as pessoas que vivem na pobreza. A família constitui sem nenhuma dúvida um campo imenso para a missão. Numerosas famílias que atendemos hoje precisam de proteção e sofrem muitas turbulências. São frequentemente ameaçadas, às vezes até de morte. Como Família Vicentina, podemos e devemos progredir para estabelecer “Linhas de ação” que deem impulso ao trabalho pastoral com as famílias, especialmente com aquelas que vivem na pobreza.

Com toda a Família Vicentina, rezemos para que a Igreja busque verdadeiramente adotar práticas pastorais que ajudem as famílias a enfrentar suas atuais realidades à luz da fé e com a força que vem do evangelho. Ao celebrarmos a festa de São Vicente de Paulo, devemos dedicar-nos este ano à nova evangelização. Procuremos respostas criativas para enfrentar os desafios apresentados pela nova evangelização, bem como uma conversão pessoal e comunitária para atender as necessidades pastorais da família, sobretudo das pessoas que vivem na periferia de nossa sociedade.

Vosso irmão em São Vicente

G. GREGORY GAY, CM  
SUPERIOR GERAL

**PADRE P. GRIFFIN, CM**

## “Enviadas em Missão”

Após nossa reflexão sobre “um novo elã missionário” gostaria de destacar uma orientação diferente. A carta de 2 de fevereiro de 2014 da Irmã Evelyne é instigadora e, de uma certa maneira, como a Exortação apostólica do Papa Francisco, nos incomoda. Ela nos dá o tom: “...neste ano, desejo refletir sobre o espírito missionário da Companhia, vinculando-o ao quarto tema do nosso Documento Interassembleias: “Aprofundar nossa pertença à Companhia sendo responsáveis pela ‘Companhia do Futuro’ (cf. C.59) ... Nós o retomaremos no contexto do mandato missionário que Jesus Cristo deu à sua Igreja e no contexto da tradição missionária da Companhia” (pág. 2).

A força de sua apresentação se apoia na Exortação apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, e sobre os ensinamentos dos nossos fundadores: a Companhia é missionária.

Quando uma Irmã muda de apostolado ou de comunidade deve-se dizer que ela foi “enviada em missão” e não simplesmente que ela recebeu “mudança”. Existe uma diferença considerável entre estes termos que atingem a natureza do nosso carisma, nosso serviço dos pobres e a finalidade dos nossos votos. Examinar a natureza da “missão” significa meditar sobre o nosso chamado.

Na Exortação apostólica, o Papa Francisco lembra nossa vocação missionária e a maneira como ela está centralizada na mensagem do Evangelho e na pessoa de Jesus.

*“Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização... Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”...Porque esperamos nós?” (EG 120).*

O Papa Francisco chama particularmente a nossa atenção para os pobres. Como um bom vicentino!

*“Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do sensus fidei, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG 198).*

Para o tema da Assembleia de 2016 a Congregação da Missão também manteve a ideia da missão e do envio: *“Deixemo-nos renovar pela vitalidade missionária de nossa vocação vicentina”* e, como lema a frase do profeta Jeremias: *“Irás procurar todos aqueles aos quais te enviar”* (Jr 1,7).

Primeiramente, estejamos atentos à maneira como Jesus envia seus discípulos em missão:

*“O Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele próprio devia ir”* (Lc 10, 1; cf. Mc 6, 7).

O Senhor envia os discípulos dois a dois. Poderíamos destacar que muito mais pessoas poderiam ter-se unido ao grupo se elas tivessem sido enviadas individualmente, mas a importância da Comunidade prevalece nesta possibilidade. A dois, os novos discípulos podem encorajar-se, influenciar-se mutuamente e rezar juntos.

Nós também somos chamados a viver e a servir em Comunidade para nos questionarmos mutuamente, nos ajudarmos a viver na fidelidade e responder mais eficazmente à missão. Quando uma está doente, a outra pode cuidar dela, quando uma está feliz, a outra pode partilhar de sua alegria; quando uma se desvia do caminho, a outra pode ajudá-la a encontrar o seu caminho.

A Comunidade sempre foi importante para nossa vida e nosso carisma. As Constituições nos lembram:

*“Com simplicidade e humildade as Irmãs se entreeajudam a caminhar juntas para o Senhor. Sua vontade de conversão concretiza-se pelas revisões comunitárias regulares, pela caridade espiritual e a correção fraterna vivida num clima de verdade e caridade”* (C. 32b).

Escolhemos viver juntas para nos ajudar, nos tornarmos livremente o que devemos ser e responder através do serviço e da compaixão pelos mais pobres. Na visão de Santa Luísa, tanto o “indo” como o “vindo” têm a sua importância.

Examinemos alguns elementos da missão para melhor compreender nossa situação presente. Hesitei em buscar alguns conselhos com Paulo, o grande missionário da Igreja primitiva, mas escolhi estudar o discurso de Jesus sobre a missão no Evangelho de Mateus.

Como sabem, Mateus estruturou seu Evangelho ao redor de cinco grandes discursos de Jesus - inspirando-se talvez nos cinco livros da Torá. O segundo discurso é sobre a missão: Jesus fala do envio dos discípulos e da natureza do seu envio em missão.

## **1 - SER ENVIADAS**

*“Estes são os Doze que Jesus enviou em missão, após lhes ter dado as seguintes instruções”*(Mt 10, 5).

A natureza do missionário é ser enviado. Jesus se considerava como o instrumento do Pai: *“Em verdade, em verdade eu vos digo: quem recebe aquele que eu enviei recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou”* (Jo 13, 20; cf. Mc 9, 37; Mt 10, 40; Lc 10, 16). Sendo enviado, Jesus considera que realiza a missão confiada e partilha esta missão com o com os seus discípulos, aqueles que ele envia em missão (Mt 10, 5; Mc 6, 7; Lc 9, 2; 10, 1). Aceitar a missão implica confiar naquele que envia e na mensagem que leva.

*“Replicou, porém o Senhor: Não digas: Sou apenas uma criança: porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar”* (Jr 1, 7).

Muitos elementos destacam a ideia de “ser enviado”. O primeiro é a obediência. Uma Irmã escolhe seguir a direção e as orientações dadas por aquela que a envia em missão. Ela reconhece na fé a autoridade da Irmã que a envia e sua responsabilidade de realizar a tarefa confiada. Os profetas conheciam este apelo:

*“Ouvi, então, a voz do Senhor que dizia: ‘Quem é que vou enviar? Quem irá por Mim?’ Eu respondi: ‘Aqui estou. Envia-me!’. Ele disse-me: ‘Vai, e diz a esse povo...’”(Is 6, 8-9).*

A disponibilidade é primordial para responder em obediência. Não abandonamos a liberdade, mas escolhemos ir para onde fomos enviadas e fazer o que nos foi pedido. A Irmã enviada não conhece todas as razões, ela não possui todas as peças do quebra-cabeça, mas coloca a sua fé na pessoa que a enviou e lhe confiou a tarefa. Devemos destacar a necessidade da confiança e da abertura para se comprometer com um serviço comum, a obediência determina a resposta da pessoa enviada em missão.

## **2 - PROCLAMAR O REINO DE DEUS**

*“Jesus enviou os Doze com estas recomendações: Por onde andardes, anunciai que o Reino dos céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai!” (Mt 10, 5. 7-8).*

Trata-se de levar a mensagem do Reino de Deus, do reinado de Deus, da cura, da vida na Comunidade humana. Isto supõe para o missionário aceitar a Vontade de Deus, e expulsar os demônios de todos os tipos: inveja, violência, preconceitos, etc. A lepra do orgulho, do egoísmo, da indiferença, deve ser curada, os moribundos do nosso mundo atual devem ser levados à vida, à justiça, e à misericórdia.

No centro desta proclamação do Reino, existe a pessoa de Jesus, suas palavras, suas ações. Seu amor e sua misericórdia devem estar no centro de sua mensagem. Nossas vidas devem ser uma proclamação do Evangelho. Podemos imaginar que os discípulos enviados em missão tentam imitar Jesus, falavam do que viviam com ele, encorajavam a praticar a caridade e o perdão, reproduzindo talvez alguns sinais de Jesus. Chamando as pessoas a se converterem, eles expulsaram os demônios e distribuíram a unção nos doentes.

A vida consagrada é uma prefiguração do Reino dos Céus, ela testemunha a presença de Deus e do amor que nos une na fidelidade ao serviço e ao culto; proclama o Reino de Deus, aqui e agora. Quando somos enviadas em missão, esta verdade define nossa mensagem.

## **3 - ASSUMIR A MISSÃO SEM SE SOBRECARRREGAR**

*“Jesus enviou os Doze com estas recomendações: Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bastão, porque o operário tem direito ao seu alimento”.* (Mt 10, 5. 9-10)

A pessoa enviada em missão deve partir sem sobrecarregar-se de tudo o que normalmente se carrega para uma viagem: dinheiro, roupa, bastão. Esta renúncia realça o espírito de pobreza, a capacidade de se deslocar facilmente, a necessidade de depender das pessoas com as quais vive. Tudo isso tem uma relação com a natureza da nossa missão.

Devemos identificar-nos com os pobres que servimos, viver uma simplicidade de vida, evitar todo consumismo. Outros elementos podem também nos sobrecarregar: os preconceitos, a raiva... Não devemos carregá-los conosco. Do mesmo modo, nossa dificuldade em aceitar uma decisão e nossa antipatia para ir a algumas comunidades não deve pesar em nosso envio em missão. Permitam-me nomear algumas realidades que são verdadeiros fardos:

Quando as Irmãs deixam uma obra que existia desde o tempo de São Vicente e Santa Luísa, ficamos tristes, mas será que deveríamos ficar tristes? Não deveríamos perguntar-nos se os mais pobres estão precisando de nós em outro lugar? Aqueles que nos rodeiam podem ter visões diferentes, mas nós devemos fazer-nos esta pergunta. Além do mais, devemos acostumar-nos a não lamentar o passado.



Quando uma Irmã que serviu durante 25 anos em um mesmo ofício e foi enviada em missão para partilhar seus dons em outro lugar, às vezes as pessoas escrevem aos Superiores protestando contra esta mudança. O importante não é que as pessoas se apeguem à Irmã, mas que amem o Evangelho e o nosso carisma, que elas se aproximem de Deus. Devemos permanecer disponíveis e em mobilidade na obediência.

Quando uma Irmã deixa seu serviço, às vezes acontece que tudo desmorona após sua partida. Será que ela apoiou suficientemente as pessoas, convidando-as a assumir a responsabilidade deste serviço? Devemos dar responsabilidades às pessoas, assim como São Vicente e Santa Luísa souberam suscitar os dons de pessoas e comunidades.

Também é muito importante confiar na Providência e nas pessoas que nos ajudam financeiramente para que possamos permanecer em casas simples, situadas nas áreas do nosso serviço.

#### **4 - DEPENDER DA BONDADE DAS PESSOAS**

*“Jesus enviou os Doze com estas recomendações... nas cidades ou aldeias onde entrardes, informai-vos se há alguém ali digno de vos receber; ficai ali até a vossa partida. Entrando numa casa, saudai-a: Paz a esta casa. Se aquela casa for digna, descerá sobre ela vossa paz; se, porém, não o for, vosso voto de paz retornará a vós” (Mt 10, 5. 11-13).*

Tenhamos certeza de que os seres humanos são essencialmente bons. Desde o início da criação, Deus reconheceu nossa bondade e a que nos rodeia. Precisamos estar seguros e aprender a depender dos outros. Esta forma de confiança constrói relações sólidas. Devemos ver o Cristo nas pessoas que servimos e naquelas que servem conosco. É uma atitude bastante vicentina.

Em nossos serviços, dependemos da bondade das pessoas. O conselho evangélico para não nos sobrecarregarmos com muitas coisas leva as pessoas a nos apoiar com sua generosidade e a participar da missão. Isto é uma bênção tanto para eles como para nós. Com estes colaboradores cheios de bondade, temos a graça de ajudar aos outros e de participar de sua promoção.

São Vicente nos ensina também que dependemos da bondade dos pobres:

*“Vivemos do patrimônio de Jesus Cristo, do suor dos pobres. Deveríamos sempre pensar, quando vamos ao refeitório: ganhei o pão que vou comer? Tenho sempre este pensamento que me dá grande confusão: miserável, ganhaste o pão que vais comer? Este pão te vem do trabalho dos pobres. Ao menos, se não ganharmos o pão como o ganham os pobres, rezemos pelas necessidades deles. São os pobres que nos alimentam. Rezemos por eles. Não passe um dia, sem que os ofereçamos a Nosso Senhor para que lhes dê a graça de fazer bom uso de seus sofrimentos” (Coste XI, conf, sobre a repetição da oração, de 24 de julho de 1655, páginas, 201-202).*

Por esta razão uma das responsabilidades da vida consagrada é fazer memória das pessoas que nos apoiam e daqueles que servimos.

Jesus nos chama também à simplicidade, satisfazendo-nos com o que temos e com o lugar onde estamos: *“Quando encontrardes hospitalidade numa casa, ficai nela até partirdes”*. Devemos reconhecer simplesmente os dons que recebemos e utilizá-los o melhor possível, sem desejar mais do que o Senhor colocou em nossas mãos.

Esta disposição para entrar na casa e viver nela em paz sugere a alegria da missão. Esta atitude se encontra no início da encíclica *Evangelii Gaudium*:

*“A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.... Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”* (EG, nº1)

*“A proposta é viver em um nível superior, e não com menor intensidade: ‘Na doação, a vida se fortalece, e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que dei-*

xam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais'. Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: 'Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros'. Isto é, definitivamente, a missão'. Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, 'a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo'"(EG, n° 10).

## 5 - SER PRUDENTES E SIMPLES

*"Jesus enviou os Doze com estas recomendações... Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas"* (Mt 10, 5, 16).

Estes versículos do Evangelho nos oferecem uma lista de animais: ovelhas, lobos, serpentes, pombas. Dois destes animais em particular nos são dados como modelos de como devemos agir quando enviados em missão: ser prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Ambos são importantes para o nosso estilo de vida e de serviço.

\* A prudência das serpentes.

Do ponto de vista bíblico a serpente está geralmente associada ao jardim do Édem e à tentação dos primeiros homens: *"A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado"* (Gn 3, 1). Diante do resultado da interferência da serpente, normalmente não pensamos na astúcia como uma característica admirável. Porém, Deus nos criou com um espírito bom, dotado de inteligência e de liberdade que nos permite tomar boas decisões para o nosso estilo de vida e de aproveitar os dons recebidos. Deus nos convida também a olhar os problemas do mundo em que vivemos para buscar soluções e meios para utilizar os recursos visando melhorar a destino da família humana. A prudência, que caracteriza a serpente pode ser boa conselheira e uma ferramenta para o nosso serviço.

\* A simplicidade das pombas.

Às vezes, ficamos encantados com a simplicidade das crianças e outras vezes, desconcertados com a maneira como se expressam sem preocupação com as consequências. A simplicidade é uma virtude pela qual Vicente tinha uma afeição especial - ele dizia - *"é a virtude que mais amo"* (SV, I, pág. 318) - e a descrevia como o fato de *"dizer a verdade"* (Regras Comuns, II, 4). Luísa é muitas vezes convincente quando fala desta virtude das Filhas da Caridade.

*"Mas, o conhecimento que tenho de vosso amor e firmeza na vossa vocação, faz com que vos diga, com toda sinceridade, tudo o que me ocorre e vos dê os avisos que creio necessários e prevejo, não de ser proveitosos àquelas, que eu acho que Deus quer usar para fazer subsistir a Companhia no espírito de simplicidade e humildade de Jesus Cristo. Se não vos conhecesse muito bem, se não tivesse certeza de que recebeis com agrado o que vos digo, não agiria assim convosco"* (SL, C.713: À minha querida Irmã Carcireux, de 30 de dezembro de 1659, pág. 754).

Falar e agir sem rodeios, sem artifícios, nem o desejo de deixar os outros pensarem que somos mais do que somos, é um aspecto característico da Filha da Caridade. Esta virtude a mantém próxima do Senhor; ela compreende também o seu valor quando alguém lhe fala com simplicidade.

São Vicente também estimava tanto a simplicidade como a prudência:

*"Mas, por que ao mesmo tempo em que Jesus Cristo nos recomenda a simplicidade da pomba, ele nos ordena para sermos prudentes como a serpente, pois é uma virtude que nos leva a falar com discrição"* (Regras comuns da Congregação da Missão, II, 5).

Resumindo, os conselhos de Jesus quando somos enviados em missão é: ser alegres, crer e buscar os dons que Deus nos reserva, ser prudentes naquilo que escolhemos, ser simples em nossas necessidades e nossas expressões, confiantes que Deus nos ama e estarmos na disposição de dependência de sua Presença - que nos leva à ação! Estas virtudes nos permitem responder ao Senhor com uma devoção verdadeira e sincera.

## **6 - SER PROFÉTICAS E DEPENDENTES DO ESPÍRITO SANTO**

*“Jesus enviou os Doze com estas recomendações: ...tende cuidado com os homens, porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas sinagogas... Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados como ou com aquilo que deveis dizer, porque, nessa hora, ser-vos-á sugerido o que deveis dizer. Porque não sereis vós a falar, o Espírito do vosso Pai é quem falará através de vós. Sereis odiados de todos, por causa do meu nome. Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 10, 5. 17. 19-20. 22).*

Trabalhar na periferia nos obriga a sair do nosso conforto. Se somos profetas e denunciemos a opressão, a injustiça, a ganância, corremos o perigo da rejeição e da perseguição:

*“A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão acima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética” (EG, 218).*

Perguntemo-nos: somos proféticas? Temos atenuado o vigor da Palavra de Deus? Vivemos os compromissos a ponto de não mais incomodar ninguém?

O Evangelho nos leva à dependência do Espírito Santo e à confiança em Deus.

*“Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados como ou com aquilo que deveis dizer, porque, nessa hora, ser-vos-á sugerido o que deveis dizer. Porque não sereis vós a falar, o Espírito do vosso Pai é quem falará através de vós” (Mt 10, 19-20).*

Vicente e Luísa tinham um profundo sentido de dependência do Senhor, o que se expressava na confiança na Providência. Eles falavam sobre ela muitas vezes e convidavam as primeiras jovens a se colocarem sob a sua conduta. Esta era uma parte essencial de sua espiritualidade. Eles acreditavam que era Deus quem conduzia a Companhia e que lhes pedia para se submeterem à Providência pela ação do Espírito Santo. Se muitas vezes, eles não soubessem o que deveriam fazer, nem onde encontrar ajuda, acreditavam que Deus tinha um desígnio e adoravam sua vontade. Sem saber como as coisas poderiam acontecer, eles se abandonaram ao Espírito Santo!

*“Quem pensaria que viria a haver Filhas da Caridade...? Deus pensava nisso por vós!” (SV, conf. de 14 de junho de 1643, pág. 73)*

O Espírito Santo estava em ação e produzia fruto: os pobres eram alimentados, vestidos; as crianças abandonadas estavam colocadas em casas; os feridos recebiam cuidados, eram curados; os esquecidos eram reconhecidos e valorizados. Esta dependência de Deus levava ao aprofundamento do carisma; *“Deixemo-nos transformar pelo Espírito, fonte de profecia e esperança”* como lembra o Documento Interassembleias.

## **7 - IMITAR JESUS**

*“Jesus enviou os doze com estas recomendações... O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. Para o discípulo basta ser como o seu mestre, e para o servo ser como o seu senhor...” (Mt 10, 5. 24-25)*

Jesus convida seus discípulos a conformarem suas vidas com a Dele. Da mesma maneira que Ele lhes ensinou compalavras e em ações, assim eles devem fazê-lo. Sua mansidão, seu perdão, sua determinação, seu compromisso, sua espiritualidade devem guiá-los. Na Última Ceia, Jesus lava-lhes os pés e explica-lhes que o servo deve ser como o mestre.

Podemos também escutar Jesus nos convidando a conformar nossas vidas às virtudes e às ações dos nossos Fundadores. Este é um incentivo maravilhoso para nós. Olhar para São Vicente e Santa Luísa, contemplar suas maneiras de responder ao Evangelho, de servir a Deus, de ser missionários em seus projetos e suas ações, é uma graça que nos oferece inúmeros conselhos. Tomando-os como exemplo, nos tornamos mais eficazes e mais fiéis em nossos serviços.

## **8 - FALAR COM AUDÁCIA E CONHECER NOSSO VALOR**

*“Jesus enviou os doze com estas recomendações... O que vos digo na escuridão, repeti-o à luz do dia, e o que escutais em segredo, proclamai-o sobre os telhados... Não se vendem dois pardais por algumas moedas? No entanto, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do vosso Pai. Quanto a vós, até os cabelos da cabeça estão todos contados. Não tendes medo! Valeis mais do que muitos pardais” (Mt 10, 5. 27-31)*

Escutemos o dinamismo deste ensinamento! Ele nos lembra de que a mensagem cristã não é para privilegiados, nem para aqueles que tiveram um acesso especial à sabedoria ou aos conselhos. Esta mensagem é para todos e deve ser proclamada a todos sem consideração especial:

*“O que vos digo na escuridão, repeti-o à luz do dia, e o que escutais em segredo, proclamai-o sobre os telhados” (Mt 10, 27).*

As crianças compreendem o núcleo da mensagem cristã como grandes teólogos. O que o Cristo entregou deve ser partilhado em todos os meios e todas as culturas. O Evangelho é destinado a todos e para a salvação de todos. Esta é a energia com a qual somos enviados em missão.

Esta passagem do Evangelho nos lembra de que a importância de cada pessoa que é um filho de Deus e tem um valor inestimável.

*“Quanto a vós, até os cabelos da cabeça estão todos contados. Não tendes medo! Valeis mais do que muitos pardais” (Mt 10, 5. 27-31).*

Quando conseguimos apreciar o quanto somos valiosos aos olhos de Deus, temos mais consciência da importância de cada ser humano no desígnio de Deus. Esta é uma verdade maravilhosa. Somos encorajados a estimar-nos, a estimar as Irmãs com as quais vivemos em Comunidade e os pobres aos quais somos chamadas a servir. Reconhecer a importância de cada pessoa nos estimula a um serviço mais profundo e respeitoso. O Papa João Paulo II dizia: “quando Deus dá o dom da vida é para sempre”. Toda pessoa humana tem a eternidade diante dela, por esta razão é tão importante ensinar-lhe como viver para entrar para sempre no Reino de Deus; é o melhor presente que podemos oferecer aos outros, por isso não podemos deixar de realizar nossa missão.

## **9 - PORTADORES DO DESAFIO DA DECISÃO**

*“Jesus enviou os Doze com estas recomendações... ‘Não penseis que vim trazer paz a Terra; não vim trazer a paz, mas a espada.... Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim, não é digno de mim. Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Quem procura conservar a própria vida, vai perdê-la. E quem perde a sua vida por causa de Mim, vai encontrá-la” (Mt 10, 5. 34. 37-39).*

Esta parte do ensinamento de Jesus é quase insuportável para ouvir! Já existem muitas guerras, violências, divisões. Não precisamos de Jesus para aumentá-las. É da paz que precisamos! No entanto, Jesus disse que veio trazer a espada. Neste contexto, a espada é o símbolo da decisão e da escolha sugerida por sua capacidade de dividir e de separar. Aqueles que escolhem o Cristo devem tomar a importante decisão, exclusiva, sem concessões, de escolher.

Cuidar de sua família aparece como o mais elevado e mais rigoroso amor humano, e se torna a medida de toda relação humana. No entanto, o convite do Senhor para pertencer-Lhe de maneira privilegiada é mais

forte e onipresente. Nenhum laço familiar, por mais íntimo que seja, não pode ser mais forte que nosso compromisso com o Senhor. São Vicente partilha o mesmo ponto de vista de maneira ainda mais expressiva:

*“Deus quer tanto que cumprais e sigais a vocação a que vos chama, que, no dizer de um grande santo, se vosso pai ou mãe, para vos impedirem de tal, se atravessassem na porta que tivésseis de franquear, deveríeis passar por cima deles”* (Conf. de 2 de agosto de 1640, sobre a fidelidade ao levantar e a oração, pág. 18).

Assim, quando aceitamos a missão, escolhemos realizá-la com todo o nosso ser e durante toda a nossa vida. É uma escolha que fazemos livremente, mas uma vez feita, ela nos obriga a realizar efetivamente. Santa Luísa dá alguns conselhos:

*“Admiro, em vós, a obra da Divina Providência, querida Irmãs, que me faz crer que seu Amor deseja que o ameis única e totalmente desprendidas, para que não tenhais outra satisfação nem outro interesse senão os de Deus e do próximo”* (SL, C.520, pág. 547)

Escutemos a oração de São Vicente: *“Ó meu Deus, nós nos entregamos a Vós. Concedei-nos a graça de viver e morrer na observância perfeita de uma verdadeira pobreza... de viver e morrer castamente... de viver em uma perfeita observância da obediência. Nós nos entregamos também a Vós, meu Deus, para honrar e servir durante toda a vida os nossos senhores, os pobres...”* (SV, Conf. de 29 de julho de 1640, sobre a vocação da Filha da Caridade, pág. 17).

## CONCLUSÃO

Descobrimos nove pontos que sobressaíram do discurso missionário de Jesus. Não abordamos todos os ensinamentos de Jesus, nem fizemos uma reflexão exaustiva para cada ponto examinado. Podemos contemplar muitos aspectos de nossa vocação missionária. O Evangelho, nossas Constituições, a Exortação Apostólica do Papa Francisco, a Carta de 2 de fevereiro da Irmã Evelyne, o tema da nossa Assembleia geral, tudo isto nos convida a meditar sobre a importância de “sermos enviadas”... A quem? Para quem? Para fazer o quê?

Terminaremos com esta frase da Irmã Evelyne: *“Somos Filhas da Caridade, enviadas de maneira permanente em missão ao longo da nossa vida. Deixemo-nos evangelizar pelos pobres.”* (Carta de 2 de fevereiro de 2014, pág. 8).

Padre Patrick GRIFFIN, cm

**IRMÃ ANNE PREVOST, FC**

**MARIA NA COMPANHIA**

Conferência realizada durante a  
Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

**I - Na Escola de Maria Imaculada, Serva e Mãe**

## INTRODUÇÃO

Uma das sete últimas palavras de Jesus na Cruz que faz parte de seu testamento espiritual é: *“Eis aqui sua mãe”*, palavra extraordinária que Jesus disse ao discípulo amado, ou seja, à Igreja. Jesus confia a Igreja à sua mãe e sua mãe à Igreja, uma não mais existirá sem a outra. Portanto, Maria não é alguém à parte, ela está na Igreja e não existe Igreja sem Maria. Não nos questionemos se Deus poderia ter feito de outra maneira. A teologia não é uma reflexão sobre possibilidades, ela busca compreender o que Deus fez, tal como Ele o fez e como ele o fez. É por isso que precisamos do Espírito Santo para compreender o mistério de Maria.

Em seu testamento espiritual, Santa Luísa faz também uma última recomendação: “***Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe***”. Como João, o discípulo amado, nossos fundadores tiveram com Maria uma intensa relação. Santa Luísa via na Virgem Maria o que significa ser uma verdadeira Filha da Caridade. Assim, ela ensinará às primeiras Irmãs a ter também uma relação filial com Maria (cf. C. 52c, 2º ponto), a acolhê-la realmente em sua casa e em seu coração.

Sabemos que os Fundadores, contemplando o mistério do Filho de Deus feito homem, destacaram três características particulares do Cristo: *adorador do Pai, servo do seu desígnio de amor e evangelizador dos pobres*” (C.8a). Podemos também dizer que os Fundadores reconheceram na pessoa de Maria, as mesmas características. A Constituição 15b diz que os Fundadores convidam as Filhas da Caridade a contemplar Maria como: “*a Imaculada, a Serva e a Mãe de Deus*”.

\* Como o Cristo adorador do Pai, **Maria Imaculada**, *totalmente aberta ao Espírito* é a única criatura humana que é totalmente “adoradora do Pai por excelência”

\* Como o Cristo servo dos desígnios de amor do Pai, **Maria** é a única criatura humana que é inteiramente “serva dos desígnios do Pai”. Ela é a mulher cuja vontade está unicamente ordenada à vontade de Deus, ao seu desígnio de amor sobre a humanidade.

\* Como o Cristo evangelizador dos pobres, **a Mãe de Deus é também a Mãe dos homens**, a esperança dos pequenos, “*a primeira evangelizadora dos pobres*”.

Nesta primeira parte da conferência, vamos revisitar estas três características da pessoa da Virgem Maria, contempladas pelos Fundadores. Se contemplamos Maria, é porque ela nos conduz à Jesus, ela nos faz encontrá-Lo. Nela e através dela podemos descobrir os segredos de Deus. Ela que está mais próxima de Deus e portanto mais próxima de nós, leva-nos também a descobrir o que é essencial em nossa humanidade, e nos permite contemplar nosso futuro.

No segundo tempo, percorreremos estas três características da pessoa de Maria, à luz das aparições de 1830. Para terminar, veremos em que e como a Virgem Maria pode ajudar-nos em nossa vida diária.

O que lhes proponho é um olhar a partir de minha fé, das minhas convicções e que interpreto em função da minha experiência. Cada uma é livre para guardar aquilo que lhe concerne, aquilo que considera útil e bom para si mesma. O importante é nos deixarmos trabalhar a partir do nosso interior, pois o mistério da Virgem Maria existe para alimentar nossa vida diária.

#### **ANTES DE ABORDAR O ASSUNTO, GOSTARIA DE ESCLARECER TRÊS PONTOS**

1) Hoje, escutamos muitos questionamentos sobre Maria: ela é um **ser excepcional** em nossa humanidade? Ela está **acima da Igreja** ou **abaixo do Cristo**?

Normalmente, quando vemos a **Deus**, vemos o **Cristo** e, Maria, nós a vemos ao lado, como um “estepê” com o qual no momento de dificuldade podemos contar. Quando tentamos dar-lhe um certo espaço, temos a impressão de que Jesus não é mais totalmente nosso, pois existe uma parte que é de Maria. Corremos o risco de ver em Maria, simplesmente uma espécie de devoção que pode até mesmo, se for exagerada, tornar-se supersticiosa... e então temos uma espécie de mal-estar interior: “*teria eu o direito de ser totalmente apegada a Maria?*” e, refletindo, dizemos: “*sim, estou exagerando, devo voltar-me para Jesus e deixar Maria de lado*”.

Quando eu era criança, compreendi que Jesus era maior que Maria, portanto quando eu rezava uma dezena do terço, dizia: uma Ave-Maria e dez Pai-Nossos, pensando que tinham se enganado ao explicá-lo e, para mim era justo dar a cada um o que lhe era devido, segundo sua grandeza. Depois, evidentemente, compreendi que não se tratava de dar 80% a um e 20% a outro, pois um não exclui o outro.

2) Acontece, às vezes, as pessoas dizerem: “*eu rezo ao Espírito Santo e isso é suficiente, não preciso de Maria!*”. Evidentemente que, cada um tem o direito de expressar o que sente. No entanto, devemos olhar o que diz a Palavra de Deus e perguntar-nos quem é a referência em nossa vida: é o nosso pensamento e o

nosso sentir ou é a Palavra de Deus? Quando o sentir é diferente da Palavra de Deus, o Senhor nos convida a ficar na obediência ao que não sentimos. No que se refere à Virgem Maria, foi **Deus quem a escolheu**, foi o **Espírito Santo quem “desposou” Maria**; não fomos nós que decidimos, foi Deus. E se sentimos outra coisa, devemos perguntar-nos para saber quem está em primeiro lugar em nossa vida: Deus ou nós mesmas!

**3) Deus não precisaria da Virgem Maria, mas Ele assim o quis.** Deus quis uma mãe para seu Filho. Desde toda a eternidade, o Pai vê seu Filho como o Filho de Maria, e gosta de reconhecer em Maria a “*mãe do seu Filho*”. Na Encarnação, o Cristo e Maria estão indissolúvelmente associados. Foi no **coração** de Maria, no **seio** de Maria, nas **entranhas** de Maria que *Deus e o homem se encontram para fazer-se um em Jesus*.

No início do evangelho, São Mateus afirma claramente que os magos, entrando no estábulo, viram “*o Menino com Maria, sua Mãe*” (Mt 2, 11) mas eles se prosternam diante da Criança, e não diante da Mãe, uma maneira de destacar que o centro do mistério é o menino Jesus, Deus feito homem. No entanto, o evangelista destaca que a mãe está presente, mas não menciona José. Escrevendo para os judeus, Mateus, que também é judeu, esclarece que Maria é uma criatura, mas, uma criatura totalmente associada ao mistério da Encarnação. Esta Palavra de Deus revelada por Mateus situa o lugar indispensável de Maria no mistério da Encarnação. Separar Cristo de sua mãe significaria separar a divindade de Jesus de sua humanidade.

O Concílio Vaticano II redefiniu muito bem o lugar de Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Maria não está na periferia do mistério cristão, ela também não está no nível intermediário entre Jesus e nós, ela se encontra no *centro do mistério de Cristo e da Igreja*. Evidentemente, o centro da nossa fé é Jesus; tudo o mais é relativo a Ele. Porém, Maria é *o caminho pelo qual Jesus, o Filho de Deus, chegou até nós*.

Logo, *não existem dois mistérios*, o de Maria e o do Verbo Encarnado. Existe apenas o *mistério de Deus que nos dá seu Filho por Maria*. Maria encontra-se *no meio do mistério da Salvação*: ela é aquela que *abre a porta para Deus*. Na pessoa de Maria, Deus encontrou “uma porta de entrada” para se Encarnar em nossa humanidade. Podemos dizer que **as três características de Maria**, contempladas por nossos Fundadores, são a “porta de entrada” do mistério da Encarnação redentora. Maria foi Concebida Imaculada para que pudesse ser a Serva obediente ao Projeto do Pai e para que Deus, através dela, pudesse nascer como um filho dos homens. O dia 8 de dezembro está ordenado ao 25 de março, e o 25 de março conduz ao 25 de dezembro. Estas três características da Virgem Maria são indissociáveis e se articulam entre si.

## I - MARIA IMACULADA

*“Adoradora do Pai”,  
totalmente centrada em Deus  
porque é totalmente decentralizada de si mesma.*

### INTRODUÇÃO

Desde a criação do mundo, Deus escolheu Maria para ser a Mãe de Deus e, desde o primeiro instante de sua concepção, Ele a revestiu de sua graça para torná-la apta para realizar sua vocação particular.

Não pensemos que Maria Imaculada não precisou ser salva; ao contrário, ela foi “salva” por excelência. Mergulhada no perdão de Deus antes mesmo de ter pecado, foi a primeira criatura salva por antecipação. Ela é a nova criação retirada da fonte da Cruz, é o primeiro fruto do Perdão de Deus que precede sua existência; é o fruto perfeito, a única pessoa que **está no interior do mistério da Cruz e que nele foi modelada**. No entanto, a Imaculada Conceição não é uma exceção na universalidade da Salvação. A Imaculada Conceição é incompreensível sem o mistério da Cruz: “*No sangue do teu filho resgatada, da qual sois a própria fonte*”(Hino do ofício das leituras de 8 de dezembro, versão francesa).

### A GRAÇA DA IMACULADA

“... o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, a uma virgem... chamada Maria. O anjo entrou onde Ela estava, e disse: “*Alegra-Te, cheia de graça! O Senhor está contigo!*” (Lc 1, 26-28)

No dia da Anunciação, o Anjo Gabriel não saúda Maria pelo seu nome comum, mas a chama por um novo nome: “**Cheia de graça**”, nome que expressa sua identidade no Reino de Deus.

### **1- O QUE NOS REVELA ESTE NOME: “CHEIA DE GRAÇA”**

a) Este nome: “*Cheia de graça*” revela, primeiro, **quem é Deus**.

Sendo uma criatura, Maria ‘cheia de graça’ nos ensina quem é Deus. Dizer ‘cheia de graça’ significa dizer “plena de Deus”... portanto, Deus reconhece **que Ele cumula Maria de sua graça**.

Este nome ‘*cheia de graça*’ está associado a outra afirmação: “*o Senhor está contigo*”, destacando assim a identidade de Deus que é: “**estar com**”. “*Estar com*” faz parte do ser de Deus. Logo, o desejo de Deus é estar com os homens e cumulá-los de sua graça. Nos Provérbios (8, 31), está escrito: “*brincava na superfície da Terra, encontrava minhas delícias entre os homens*”. Deus, que é a Plenitude, encontra sua alegria, suas delícias permanecendo entre nós, morando em nós. O ventre da Virgem Maria é o lugar por excelência da morada de Deus.

É evidente que foi Deus quem fez tudo e que dá tudo. Maria não assume o lugar de Deus, ela não acrescenta nada a Deus, mas o Senhor a escolheu. Não podemos imaginar este mistério de Deus, nem o compreender, nem o sentir, mas Deus deseja permanecer no interior da Virgem Maria e fazer nela uma morada para Ele. Devemos conscientizar-nos deste olhar de Deus para esta mulher, para a Virgem Maria e meditar sobre a escolha feita.

Assim, a Imaculada Conceição nos revela que, da parte de Deus, tudo é **dom**: Deus se doa, gratuita e eternamente. Mesmo onde é recusado, Deus não deixa de se entregar; não desanima diante da recusa de suas criaturas, o dom de Deus se faz pelo Perdão e este Perdão jorra permanentemente do coração de Deus e nada pode detê-lo. Maria Imaculada foi o primeiro fruto que precedeu de sua existência, ela testemunha que o Perdão de Deus não é simplesmente como uma restauração, mas como uma nova criação.

b) O nome “cheia de graça” significa também **quem é Maria**.

Como dissemos, tudo que Maria é, vem de Deus, tudo que Maria é, ela o é pela graça de Deus. Mas, Deus não se entrega no vazio, Ele deve ser **acolhido**. Portanto, da parte de Deus, a graça é sempre ofertada, mas o que é pedido da parte da criatura é **acolhê-lo**. Em Maria, as duas coisas acontecem: “*Deus se doa*” e “*a criatura diz sim a Deus*” o acolhe. Através do seu sim a Imaculada é aquela que está totalmente do lado do acolhimento, ela é **o acolhimento pleno do dom de Deus**, desde o início até o fim. É por isso que Maria está totalmente disposta a acolher a graça de Deus e podemos dizer que ela é verdadeiramente “adoradora do Pai”.

### **2 - A GRAÇA DA IMACULADA É DADA A TODOS**

Quando olhamos Maria Imaculada, temos a tendência a dizer: “Ela teve sorte!” E quanto a nós? Por que Maria foi escolhida? Porque Deus assim o quis, porque Deus a escolheu, não há outras explicações. Se houvesse razões, não seria mais por escolha de Deus, não seria mais o caminho de Deus. Alias, o Evangelho não nos diz que Maria buscou ou pediu qualquer coisa a Deus. (Está claro que antes de ser concebida, ela não poderia fazer muito esforço!). O anjo lhe diz somente: “*Encontrastes graça diante de Deus*”, **portanto, Maria encontrou Deus sem nada lhe pedir**. Mas, **aceitou acolhê-lo na gratuidade do dom e deixou Deus agir**.

Estamos bem-dispostas a escutar Deus, desde que Ele nos dê as razões, queremos verificar tudo. Se Deus tivesse dado todas as razões para Adão e Eva, talvez eles tivessem obedecido às razões, e não teriam desobedecido a Deus. Ora, Deus exigiu-lhes apenas uma condição: confiar nele. Mas, temos dificuldade de confiar Nele porque raciocinamos sempre segundo a lógica do pecado original! Pelo pecado, as suspeitas nos fecham em nós mesmas e diminuem nossa confiança.

MAS DEUS NÃO PARA DE OFERECER SUA GRAÇA.



Maria Imaculada não é um ser excepcional, ao contrário, ela é **a regra da existência segundo Deus**, ela é a criatura mais humana, sem fechar-se em si mesma. Nós somos a exceção, somos nós que não deixamos, não permitimos Deus agir em nós e através de nós.

Para ver que esta graça da Imaculada não foi reservada aos seres de exceção, devemos passar as páginas do Evangelho de São Lucas. O Evangelista diz claramente que a graça oferecida a Maria é dada a todos. Na verdade, no primeiro capítulo do Evangelho de Lucas, a Virgem Maria escuta a palavra: “*o Senhor esteja convosco*”.

Esta palavra é particularmente sugestiva, mais adiante, no capítulo 19 onde Lucas fala de um cobrador de impostos: Zaqueu! Este homem de estatura pequena, mas também com pouca moral, não é bem visto por seus vizinhos; ele é um pecador público, está longe de ser imaculado tanto em sua concepção como em sua profissão! Para Zaqueu, Deus está muito alto, nas nuvens, muito distante, até mesmo distante das folhas de impostos: Deus não tem nada a ver com a vida cotidiana. Porém, Zaqueu quer escutar este pregador andari-lho que passa em sua cidade Jericó. Ele não quer ser o primeiro da fila, porque teme receber uma pedra perdida, nem quer ser o último porque talvez não consiga ver, nem escutar Jesus. Logo, ele encontra um lugar ideal para ver sem ser visto: no galho de um sicômoro. Mas, acontece algo que ele não esperava, o pregador para diante da árvore.

Se, ao pé da árvore estivesse João Batista e não Jesus, talvez ele tivesse ouvido: “*Zaqueu, desce depressa, pois se não desceres, a árvore será cortada e jogada no fogo convosco!*” Mas, junto a árvore não era o profeta João Batista que estava ali, mas, o próprio Filho de Deus que quer encontrar-se com Zaqueu. Assim, nosso Deus não vem dar-nos uma lição do alto do seu tribunal, nosso Deus está em baixo, no pé da árvore e, devemos inclinar-nos até Ele. Zaqueu descobre Deus aos seus pés: Deus está lá, mais baixo do que ele. E, o que diz o Filho de Deus a este pecador chamado Zaqueu? A mesma coisa que o Anjo Gabriel tinha dito da parte de Deus a Maria, a totalmente pura: “*O Senhor está contigo*”. Jesus lhe diz: “**hoje, devo ficar em tua casa**”, isto é, “**hoje o Senhor está contigo**”. É a mesma coisa! Deus se doa gratuitamente, não existem condições, preliminares. O que é particularmente evidente a respeito de Maria também o é para Zaqueu.

Zaqueu, também diz sim a Deus. Ao acolher o Olhar e a Palavra de Jesus, algo se produz: Zaqueu está divinizado, ele se torna amor, amor divino, ele não calcula mais: “*eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, restituo-lhe o quádruplo*”. (Lc 19, 8). Não se trata somente de uma conversão moral, mas uma conversão ao Amor.

## II - MARIA SERVA “*Serva dos desígnios de amor do Pai*”

### INTRODUÇÃO

Não é porque Maria é Imaculada que devemos imaginá-la como semideusa. A Virgem Maria é uma mulher bem concreta do nosso planeta, não devemos colocá-la de lado, senão retiramos-lhe assim seu papel. Não é por ser plena de graça desde a sua concepção que está dispensada de viver e de crer. Maria “*Imaculada*” é também “*a Serva do Senhor*” aquela que crê e busca o que agrada ao Pai.

### MARIA SERVA

Para contemplar Maria “*Serva dos desígnios de amor do Pai*”, deve-se primeiro olhar a fé de Maria, devemos segui-la pelo seu caminho de obediência até os pés da Cruz. A atitude da Virgem Maria entre a Anunciação e Pentecostes é um modelo de fé. O que é incrível não é o fato de ter carregado em seu ventre o Verbo de Deus, mas de ter acreditado na Palavra de Deus, mesmo se não compreendia tudo.

\* Na boca de Deus, Maria é a “**cheia de graça**”, isto é, uma mulher verdadeiramente humana, sem nenhum momento ficar fechada em si mesma.

\* Mas, a Virgem Maria, se proclama a “**serva do Senhor**”. Na boca dos homens, Maria é a “**a primei-**

*ra cristã”, a mulher de fé por excelência. Foi Isabel quem lhe deu esta bem-aventurança: “bem-aventurada aquela que acreditou”. Literalmente, isto quer dizer: “bem-aventurada a crente”. A definição de Maria, como o proclama sua velha prima, é ser aquela que crê, pertencendo inteiramente a Deus.*

## **1 - A FÉ DE MARIA**

Desde o início de sua vida, Maria viveu no regime da fé; seu caminho é como o nosso: **um caminho de fé**. João Paulo II empregou esta expressão: “**a primeira na peregrinação da fé**”: Maria é a primeira cristã, ela não o é apenas cronologicamente, mas ela o é da maneira comum, pois está no seu próprio ser, ela é a “*Serva do Senhor*”. Porém, Maria vai ainda mais longe quando diz: “*faça-se em mim segundo a vossa Palavra*”, isto é, “*que eu aja de acordo com a vossa Palavra*”; ela afirma o que vive interiormente: uma serva não se abandona ao seu mestre, no entanto, Maria vai abandonar-se totalmente à Vontade de Deus; ela vai ao mais profundo da verdade do seu ser, para aquilo que ela foi feita, ela corresponde totalmente à graça. Ao dizer: “*faça-se em mim segundo a vossa Palavra*” ela utiliza o verbo que Deus usou na criação do homem: “*façamos o homem a nossa imagem e a nossa semelhança*” (Gn 1, 26). Assim, abandonando-se inteiramente a Deus, Maria aceita deixar-se modelar por Ele, deixa-se remodelar por Ele.

Assim, para a Virgem Maria, **ser “a aquela que crê”** significa comprometer-se, **aderir à Vontade de Deus** com um “sim” perfeito. Maria nos mostra que a fé não é uma opinião (quando dizemos: eu penso que o dia será ensolarado amanhã), nem uma adesão intelectual, mas é **um ato de dom de si**, um pleno engajamento de si.

Nos Evangelhos podemos seguir seu caminho de fé. A vida da Virgem Maria não foi sem problemas. Após o dia da Anunciação, certamente, Maria não esperava pelo que lhe aconteceria: o nascimento do seu filho em um estábulo; ter que exilar-se no Egito; perder seu filho de 12 anos em Jerusalém; partir em sua busca e não compreender sua reação: “*não sabeis que devo cuidar das coisas do meu Pai?*”, depois esperar em Nazaré anos e anos para que se realizassem as promessas do Anjo Gabriel e, enfim, ficar ao pé da Cruz. Está claro que Maria não compreendia a Vontade de Deus, no entanto, ela aceitou, ela a meditou e deixou-se formar-se pela fé, dia após dia. O “sim” da *Serva do Senhor* não é o sim de um dia, ele implica **a orientação de sua vida inteira de acordo com Deus** e ratifica de antemão, todas as escolhas de Jesus, de Belém até a Cruz. Primeira discípula, ela segue Jesus até o fim, ela continua a crer no preço de uma fé que, humanamente, dilacera suas entranhas.

## **2 - A KÉNOSIS DE MARIA**

Devemos contemplar a *serva do Senhor* aos pés da Cruz: aqui podemos contemplar a fonte e o segredo do seu ministério. No meio da angustia e do medo diante do horror da morte de seu Filho, Maria é total ofensa, vazia de si-mesma. Aos pés da Cruz, compreendemos o que poderia significar o novo nome: “*cheia de graça*” dado pelo Anjo Gabriel. Maria é a “cheia de graça” por que ela está “*vazia de si-mesma*”, “*vazia de tudo o mais*”.

Ao pé da Cruz, Maria está vazia de si-mesma, não somente de tudo o que em si já ofertou a Deus (seu projeto de vida, sua reputação, etc), mas também daquilo que Deus lhe deu: seu Filho. Aos pés da Cruz, Maria é por excelência, “*a serva dos desígnios de amor do Pai*”.

Para compreender bem toda a profundidade, devemos contemplar **a Kénosis de Jesus**. A Kénosis é a expressão grega que significa “esvaziar-se”- “despojar-se”. Em sua Carta aos Filipenses, São Paulo disse: “*Embora fosse de divina condição, Cristo Jesus não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai, porém esvaziou-se de sua glória e assumiu a condição de um escravo, fazendo-se aos homens semelhante. Reconhecido exteriormente como homem, humilhou-se, obedecendo até à morte e morte de cruz*” (Fl 2, 6-8). Para se fazer semelhante aos homens, Jesus esvaziou-se de sua condição divina, que, no entanto, poderia ter reivindicado.

A **Virgem Maria**, como toda discípula, *deve seguir este mesmo movimento de rebaixamento*. Todo o papel de Maria está aqui: **seguir o Cristo neste rebaixamento**. Ao pé da Cruz, Maria não reivindicou como uma apropriação o fato de ser a mãe do Messias, ela não reivindicou nada, ela acolheu o dom de Deus e por isto, esvaziou-se de toda pretensão de existir para si-mesma ou de se apoderar do dom de Deus, ela vai até o

abandono daquele que o próprio Deus lhe deu.

Em sua encíclica *Redemptoris Mater* (nº 18), João Paulo II comenta **a kénosis de Maria**; não hesita em dizer que ela é a kénosis mais forte, a mais cruel que se poderia ter vivido na história da humanidade. Na Anunciação, o Anjo Gabriel falou de Jesus a Maria nestes termos: “*Ele será grande... o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai: ele reinará sobre a casa de Jacó por séculos e seu reino não terá fim... ele será chamado Filho de Deus*”. Trata-se da promessa messiânica feita a David e à sua descendência para sempre (2 Samuel 7, 1-17) como Maria o cantará no Magnificat “*em favor de Abraão e de seus filhos para sempre*” através da descendência de David.

Agora, ao pé da cruz, Maria é testemunha, humanamente falando, de uma total contradição destas palavras. As promessas do Anjo foram completamente diferentes, tudo o que Maria pôde compreender no dia da Anunciação realizou-se exatamente como foi dito, mas de uma maneira surpreendente! Sim, Jesus foi elevado acima dos homens, coroado, revestido de um manto vermelho como os reis, mas devemos admitir que este manto vermelho é um objeto de escárnio, sua coroa de espinhos, o cetro é de junco, e seu trono o horror desta cruz.

Entretanto, a Mãe de Jesus “*está lá*”, ela não diz nada, ela não faz nada, mas está lá. Contra toda aparência, Maria acreditou na realização das promessas de Deus, transmitidas pelo Anjo no momento da Anunciação, **sua presença foi a resposta ativa da sua fé**.

Entre Jesus e Maria existia **uma comunhão física**, mas, esta comunhão está baseada em uma comunhão **espiritual** que constitui entre Maria e Jesus um “*nós*” único, de profundidade infinita. Maria **se faz uma com seu Filho**, ambos **se fazem um** para a salvação do mundo. Ao pé da Cruz, a *serva do Senhor* diz como no início: “*faça-se em mim segundo a Vossa Palavra*”.

“*Bem-aventurada aquela que acreditou*”, esta bem-aventurança de Maria é retomada no final do Evangelho de São João quando Jesus diz a Tomé: “*felizes o que acreditam sem terem visto*”, isto é, “*felizes os que creem, ainda que não vejam*”. Tomé, o discípulo que hesita e que duvida, deve olhar para Maria, aquela que crê, ele deve inscrever-se nesta fé de Maria. Através de Tomé, a Igreja inteira deve impregnar-se da fé de Maria.

### III - MARIA MÃE

#### “*Evangelizadora dos pobres*”

#### INTRODUÇÃO

Para Maria, ser mãe de Deus, não é uma simples função, é o segredo de sua vida. Seu ser identifica-se à sua missão: se Maria é a “*mãe de Jesus*”, é porque ela é a “*serva*” **perfeitamente obediente ao projeto do Pai para a humanidade**. Se ela é este coração perfeitamente disponível, é porque sua pessoa é **Imaculada**. Maria concebeu sem pecado para acolher e transmitir o Dom de Deus, o Filho de Deus. Totalmente acolhedora para ser de Deus, ela pôde comunicá-lo ao mundo; nela, encontramos somente a Deus.

Releiamos este mistério tal como é apresentado no Evangelho: o que acontece a partir do momento em que Maria se proclama a “*serva do Senhor*”? Após ter recebido a visita de Deus pelo Anjo Gabriel, Maria é imediatamente projetada nos caminhos dos homens para partilhar o que recebeu. Ela parte apressadamente para as montanhas da Judeia. Maria carrega consigo a vida de Deus e esta presença no fundo de seu coração terá sua devida importância no momento da visita.

Quando Isabel escuta a saudação de Maria, recebe a Paz de Deus que provoca nela um duplo efeito benéfico: seu coração está cheio da plenitude do Espírito e João Batista estremece no seu seio: “*Assim que Isabel escutou a saudação de Maria, a criança estremeceu de alegria em seu ventre*” (Lc 1, 41). Logo, graças a aproximação de Maria, o Espírito que deveria ser infundido em João foi concedido (cf. Lc 1, 15). Portanto, foi através de Maria que Deus comunicou seu Espírito a Isabel e à criança que ela carregava. A visita de Maria é uma verdadeira propagação do Espírito Santo que vai se difundir: depois da criança e da mãe, foi

o Pai, Zacarias que ficou cheio do Espírito Santo e profetizou (Lc 1, 64) e, finalmente, todos os que estavam ao redor, “*todos os seus vizinhos* bendizeram a Deus” (Lc 1, 65). Assim, Maria da Visitação é **o primeiro modelo de uma evangelização onde o Espírito Santo é o primeiro ator**.

Aprofundemos o processo evangelizador da Virgem Maria através de sua missão particular de Mãe de Deus. Esta palavra “Mãe” nos é familiar, talvez muito familiar e corremos o risco de não saber contemplar toda a sua riqueza.

#### UMA OBSERVAÇÃO REFERENTE AO MISTÉRIO DA MATERNIDADE DIVINA DE MARIA

**1** - A maternidade divina de Maria é o *mistério* *Daquela que coloca no mundo o Filho de Deus, que gera Jesus à vida humana*. Ela é a “Mãe de Deus”.

**2** - Porém, há algo mais! A maternidade divina de Maria se desenvolve por *sua maternidade espiritual*. Ao pé da Cruz, Jesus confia a sua mãe a missão de *gerar “seus irmãos” à vida de Deus*. A “*mãe de Jesus*” se torna “mãe dos discípulos”. Esta maternidade espiritual de Maria não parará no tempo, ela continua ainda hoje.

Cada evangelista tem sua maneira particular de falar de Maria. João não é diferente. Existem afinidades entre os evangelistas e especialmente entre o evangelho de Lucas e o de João, porém, João aprofunda a reflexão dos outros evangelhos e oferece *o significado espiritual da maternidade de Maria*. Por quê? Porque ao pé da Cruz, o discípulo amado escutou a palavra de Jesus: “*eis aqui tua mãe*”. A partir deste instante, “*acolheu Maria*” “em sua casa”, mas também em “*seu coração*”. Maria faz parte da intimidade de João. Assim, compreendemos melhor porque Maria tem um lugar muito significativo, em seu Evangelho.

Proponho-lhes refletir sobre o mistério da maternidade divina de Maria à luz da C. 14 que diz: “... *a Companhia... **une serviço e presença**, lembrando-se do Senhor que revelava o Amor do Pai..*”. Na edição de 1983, as duas palavras **serviço e presença** estavam escritas em negrito, o que destacava ainda mais a importância destas duas palavras. A ordem destas duas palavras destaca que um serviço, realizado sem uma presença de qualidade, é incompleta. Mas, quando elas são bem vividas, elas “*revelam o amor do Pai*”, fazem “aparecer o rosto de Deus” (cf. C. 14).

No evangelho, João destaca especialmente a maneira como Maria “**une serviço e presença**”.

#### “A MÃE DE JESUS” (O SERVIÇO DE MARIA)

\* No Evangelho, João só tem uma palavra para designar Maria: “*a mãe de Jesus*”. Maria não é chamada pelo seu nome civil, portanto, aparentemente para João, ela não tem nome próprio. Por quê?

João quer dizer-nos que Maria é **somente** “*a mãe de Jesus*”: ela é apenas isso, ela é apenas a “*mãe*”, ela existe em relação a Jesus, ela não é nada por si mesma, sua existência está em função de dar a vida a Deus, ela é **a mãe por excelência**, ela é a *mãe através de todo o seu ser*, não simplesmente a partir do momento que ela dá a luz à criança, mas ela é a “*mãe de Jesus*” do princípio ao fim.

\* A Igreja proclamou Maria, “**Mãe de Deus**”. Não identificamos com precisão o título de *Mãe de Deus* nos Evangelhos. No entanto, durante a Visita a sua prima Isabel, a expressão surge em sua boca: “*a mãe do meu Senhor*” (Lc 1, 43). O título de “*Senhor*” pertence a Deus e foi atribuído a Jesus após a sua ressurreição. Portanto, mesmo se a invocação de *Mãe de Deus* não está nas Escrituras, o conteúdo está lá e a fé da Igreja a assumiu e a explicitou: Maria é uma com seu Filho, assim como seu Filho é um com o Pai.

#### “A MÃE DE JESUS ESTAVA LÁ” (A PRESENÇA DE MARIA)

Além de sua missão maternal, João destaca uma outra qualidade da pessoa de Maria. É algo que não se define, mas que se constata: a presença: “*a mãe de Jesus... **estava lá***”. No Evangelho de João, Maria intercede em dois episódios particularmente importantes para o ministério de Jesus:

\* **Primeiro em Caná:** “*a mãe de Jesus estava lá*”, isto é, **no início do primeiro sinal que Jesus** deve realizar para manifestar a irrupção do Reino de Deus. João nos apresenta o apostolado da Virgem Maria, pois ela permite a Jesus ir mais longe e mostrar sua glória.

\* **Depois na Cruz:** “*junto à Cruz estava de pé a Mãe de Jesus*”, ou seja, **no momento da conclusão da missão do seu Filho**, quando Jesus diz: “*tudo está realizado*”.

Assim, Maria está no início e no fim do ministério de Jesus. Ela está no **começo** e na **conclusão**, no qual ela está incluída. Isto significa que, mesmo se João não fala nada além disto, já é o suficiente! Ela estava lá, ao longo do Evangelho, ela acompanhou Jesus desde o início até o fim. Evidentemente, como todas as coisas profundas, não se pode medir a presença, nem o volume, nem o peso, nem podemos colocá-lo dentro de uma fórmula.

Assim, no Evangelho de João, **Maria “está lá” onde Deus se entrega** isto quer dizer que a presença de Maria é muito mais que uma simples questão de ordem física, não é simplesmente estar lá, sentada ou de pé.

Para compreender a força da expressão: “*a mãe de Jesus estava lá*”, devemos retomar o nome que o Anjo Gabriel lhe deu: “**cheia de graça**” isto é, “vazia de tudo o mais”. Cheia de graça, Maria é o coração onde Deus se entrega. Nela, **Deus está presente em sua plenitude**. “*Cheia da presença de Deus*”, Maria **está inteiramente lá, presente**, porque através dela, é **Deus que se torna presente**. Lá onde Maria está, ela **transmite a Presença de Deus**. Podemos dizer que “*a superabundância da graça em Maria*” comunica “*a Presença de Deus em superabundância*”.

#### Quando falamos de “Presença de Deus em superabundância” não nos enganemos de sentido!

\* **Sabemos** bem que existem pessoas que são “onipresentes”, podemos vê-las em toda parte; outras têm uma presença imponente, outras ainda buscam seduzir, chamar a atenção sobre elas... E nós buscamos muitas vezes monopolizar os outros, tentando dominá-los ou envolvê-los de tal maneira a colocá-los à nossa disposição. Está claro que estas diferentes presenças não têm nada a ver com a maneira de ser de Deus.

\* **Deus é** respeitoso ao infinito. Sua presença é plenitude, transbordamento de Amor, Deus dá tudo, Ele se doa inteiramente, **porém**, nada pode possuir. Ele se entrega à nossa liberdade sem nunca se impor, sem jamais dominar. Ele não constrange, não ameaça, não vem nunca nos ver com uma dinamite na mão para abrir à força o nosso coração. No entanto, quando um coração se abre, Deus se entrega abundantemente e o preenche de sua graça.

\* A presença de **Maria** reflete a Presença de Deus. A “*mãe de Jesus*” é humilde, discreta, delicada e respeitosa. Em Caná, Maria não atrai para si a atenção das pessoas, ao contrário, manifesta sua atenção às necessidades dos outros. É uma presença que inspira confiança e orienta para Jesus. Uma presença como esta, muda tudo porque não existe nela nenhum traço de egoísmo.

## CONCLUSÃO

Para esta única expressão, “*a mãe de Jesus estava lá*”, João ilustra maravilhosamente como Maria **une Serviço e Presença**, como ela é evangelizadora. Totalmente doada a Deus, Maria realiza perfeitamente sua missão maternal e sua presença “deixa transparecer Deus” (cf C. 14).

Na segunda conferência, continuaremos a meditação deste mistério da maternidade divina de Maria à luz das Aparições de 1830. Depois, veremos em que e como a Virgem Maria, nossa Mãe, pode nos ajudar-nos em nossa vocação de Filha da Caridade.

Irmã Anne PRÉVOST  
*Filha da Caridade*

## IRMÃ ANNE PREVOST, FC

### II - Em 1830, A Virgem Maria e Catarina Labouré

#### INTRODUÇÃO

Vimos quanto, misteriosamente, necessitamos da presença de Maria, não como uma compensação em nossa aridez espiritual mas, porque Jesus no-la deu como Mãe para nos gerar para a vida divina.

Neste segundo momento, vamos colocar nossos passos, nos passos de Santa Catarina para tentar reviver sua experiência espiritual e, assim deixá-la conduzir-nos até Maria. Depois veremos em que e como a Virgem Maria **pode ajudar-nos** em nossa vida diária e porque as Constituições nos pedem para amá-la e imitá-la.

#### ALGUMAS OBSERVAÇÕES A RESPEITO DAS APARIÇÕES

As aparições não acrescentam nada ao Evangelho, mas trazem proposições inéditas da Boa Nova, às vezes, esquecidas. Elas nos reenviam sempre ao Evangelho, porém, podem ajudar-nos a redescobrir alguns de seus aspectos.

Elas nos lembram também que a Virgem Maria não está lá no alto, no Céu, mas que **está aqui, conosco, próxima a nós**. Não é porque não vemos a Virgem Maria que ela não está aqui. Ela não está em nosso campo de visão, em nossa sensibilidade, mas quando quer, faz aparições no mundo sensível e, sabemos o quanto a Companhia já foi favorecida por estas visitas.

Desde 1830, a Capela da Rue du Bac, em Paris, é um *local de graça*, fazemos esta experiência todos os dias. O afluxo constante dos peregrinos é um verdadeiro plebiscito para a Virgem Maria e para Santa Catarina.

Mas, o verdadeiro milagre é que vindo a este lugar onde a graça aflora, os peregrinos percebem que não são os acontecimentos do passado que foram exumados, mas é a **graça do hoje que vivemos**. Quando os peregrinos entram nesta capela, eles ouvem uma presença, eles veem uma presença, existe Alguém e, misteriosamente, revivem a experiência de Catarina, uma esperança surge em suas vidas. De fato, quando existe um fenômeno espiritual **sempre presente**, a exemplo do Evangelho, podemos conhecê-lo de cor, abri-lo centenas e milhares de vezes, **mas ele sempre será novo**.

Assim, mesmose conhecemos bem estas aparições sempre haverá algo para aprofundá-las. Primeiro, vamos deter-nos sobre o essencial da mensagem das aparições de Maria a Catarina Labouré.

#### A) A MENSAGEM FUNDADORA DAS DUAS APARIÇÕES

Em Lourdes, a Virgem apareceu dezoito vezes a Bernadette, aqui ela apareceu três vezes a Santa Catarina, mas sabemos que a terceira aparição em dezembro de 1830 foi sobretudo uma ressonância de 27 de novembro que é de uma importância decisiva. Aqui algumas observações referentes às aparições de 18 de julho e de 27 de novembro.

#### A RELAÇÃO ENTRE AS DUAS APARIÇÕES

Falamos muitas vezes da mensagem da Medalha, mas, a mensagem fundadora das aparições não pode se resumir à Medalha, ainda que seja original e rica de simbolismo. Para explorar a riqueza evangélica da mensagem revelada pela Santíssima Virgem a Catarina, devemos considerar estas duas aparições que se completam. Sabemos que a primeira prepara a segunda que é de uma importância decisiva, pois concretiza a missão confiada a Catarina. Porém, existe algo que vai além! Ao longo da noite de 18 de julho, a Virgem Maria revela sua maternidade espiritual que é o desenvolvimento de sua maternidade divina: “*A Mãe de Deus é nossa mãe*”<sup>1</sup>; no dia 27 de novembro, Maria apresenta a Catarina a graça de sua Conceição Imaculada.

Ora, estas duas graças intimamente unidas, a Imaculada Conceição e a Maternidade Divina, estão interligadas, uma inclui a outra: a graça da qual Maria Imaculada está plena, faz-se uma com sua maternidade. Por isso, a *maternidade espiritual* de Maria, encontrada e vivenciada por Catarina no dia 18 de julho, dá todo um sentido à afirmação de sua *Conceição Imaculada* revelada no dia 27 de novembro: “O NOME DA MÃE DE JESUS É ‘CHEIA DE GRAÇA’” E “A MÃE DE JESUS ESTAVA LÁ; ‘MÃE DO DISCÍPULO QUE JESUS AMAVA’” pois, Jesus se identifica realmente aos seus irmãos.

#### **A PRIMEIRA APARIÇÃO: A MATERNIDADE ESPIRITUAL DE MARIA**

Na noite de 18 de julho foi o *rosto de uma mãe que se tornou conhecido na graça de um encontro*. Ao longo da aparição, Maria se mostra muito *maternal* com Catarina, ela se apresenta também como a “mãe dos homens”. A ternura de Maria pela humanidade revela-se como em filigrana, algo do mistério de sua maternidade divina.

#### **A SEGUNDA APARIÇÃO: A CONCEIÇÃO IMACULADA**

No dia 27 de novembro, com o esplendor do rosto e dos raios de luz que saíam de suas mãos, *Maria Imaculada aparecia “resplandecente do reflexo da beleza de Deus”*. Através da invocação: “Ó Maria concebida sem pecado”, a Virgem revela sua identidade: “*cheia de graça desde a sua Conceição*”. Catarina contempla, em Maria, cheia do Espírito, Deus em transparência.

Depois, o reverso da Medalha *situa a Imaculada Conceição na história da Salvação*. A letra M encimada de uma Cruz apresenta o mistério da Cruz onde a Imaculada Conceição tem sua origem e sem a qual ela é incompreensível. Maria está situada como totalmente voltada para o Cristo Redentor, como sua Mãe e a Serva do Senhor.

#### **A QUALIDADE DO TESTEMUNHO: CATARINA LABOURÉ**

A mensagem das aparições não pode ser resumida em uma série de palavras e gestos da Virgem Maria, ela também tem um rosto: Catarina. Retomo as palavras do Cardeal Gerlier, Arcebispo de Lyon, na Catedral Notre Dame de Paris:

*“Catarina Labouré colaborou para esta obra providencial: a definição do dogma da Imaculada Conceição... Escolhida pela Virgem, a confidente privilegiada é uma jovem modesta e humilde, uma alma pura e reta, incapaz de inventar a mensagem que ela não compreende. Ela foi um instrumento precioso, mas obscuro, de uma obra, contudo divina: a propagação do culto da Imaculada Conceição”*.

Catarina aceitou ser o instrumento do qual Maria se serviu, depois de permanecer na sombra. Catarina se alegra por ter sido útil, porém, ela nos mostra que para ser útil é preciso também aceitar não interpor-se. O importante para ela é a mensagem, o restante não tem importância. Ela desaparece inteiramente diante da mensagem e guarda o mais completo silêncio sobre si. Sua única busca foi a glória de Deus, ela é apenas a humilde mensageira da Imaculada e a humilde serva de Cristo nos pobres.

“**No silêncio**”, Catarina é igualmente útil e **luminosa** no momento das aparições. Se houvesse apenas o episódio das aparições, não teríamos Santa Catarina. Poderia ter sido o contrário, se após as aparições, Catarina tivesse se colocado no centro dos acontecimentos; teria recebido todos os aplausos, mas não seria o instrumento luminoso em que se tornou, cada vez mais, vivendo os carismas do cotidiano com extrema humildade nos atos e nas palavras. Durante sua vida em Reuilly, pode-se contemplar em filigrana, o mistério silencioso de Maria de Nazaré, sobre alguém de quem se sabe muito pouco, exceto sua profunda atitude de humilde Serva do Senhor.

#### **A ESCOLHA DA FAMÍLIA VICENTINA**

Considerando o lugar que Maria (Imaculada, Serva, Mãe) ocupou na vida dos nossos Fundadores, as aparições de Maria a Santa Catarina foram consideradas como **uma ratificação de sua devoção Marial**. Isto é compreensível. Aliás, podemos imaginar que a Virgem Maria, pelo sinal da Medalha, quis dar uma piscada de olho para São Vicente, retomando, a sua maneira, uma das grandes convicções de fé do Fundador: “*Virai*

a medalha” para reconhecer com as luzes da fé, o rosto de Cristo nos pobres. Sem fazer grandes teorias, a Virgem Maria dá o mesmo significado: o reverso da Medalha dá todo sentido à Imaculada Conceição, revelada no anverso. No entanto, deve-se evitar restringir as aparições de 1830, considerando-as como um privilégio confiado somente à família vicentina, pois elas são **uma missão** para toda a Igreja e uma mensagem para o mundo atual e pelos séculos que virão.

### “A ÚNICA MÃE DA COMPANHIA”

Na época das aparições, Catarina era uma **jovem Filha da Caridade em formação** e Maria se interessava por sua vida, como uma “mãe” e “mestra de vida espiritual”. Hoje, nós também estamos em formação inicial ou contínua; estas aparições são uma lembrança de que Maria está próxima de cada uma e quer ajudar-nos a viver ainda mais na dimensão da fé.

### B) A NOITE DE 18 A 19 DE JULHO DE 1830: “A MÃE DO DISCÍPULO “ESTAVA PRESENTE”

Após algumas observações referentes às aparições, olhemos o caminho espiritual que Catarina percorreu na noite de 18 de julho de 1830.

#### UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

Quando Santa Catarina olha para a Santíssima Virgem, é algo real! Não devemos imaginar que antes da aparição, Maria está ausente e que ela chega somente à meia-noite na capela, porque Maria “**estava lá**”, aliás, ela “**está sempre lá**”. Mas, naquela noite, Maria “*se faz ver*” ela “*se mostra*” a Catarina. É como Jesus Ressuscitado: Ele está sempre próximo de nós, mas, durante as suas aparições após a Ressurreição, Ele “*se fez ver*” por seus apóstolos,

#### 1 - A “MÃE ESPIRITUAL” DE CATARINA

Para bem compreender esta aparição, devemos considerar a personalidade da testemunha, seu meio familiar, sua vida de relação com Deus. Sabemos que com a idade de 9 anos, Catarina perdeu sua mãe e, naquele momento, ela se voltou para Maria e a escolheu como Mãe. Este gesto de fé foi para ela um episódio fundamental na sua relação com o céu. Colocando sua vida sob a influência da Santíssima Virgem, Catarina entrou em uma relação única de proximidade amorosa com ela, a exemplo de João que ao pé da Cruz, “*acolhe Maria em sua casa*”.

Foi por isso que, em 1830, a Santíssima Virgem se apresenta a Catarina tal como uma mãe que senta com sua filha para lhe falar e o anjo lhe diz: “*Eis a Santíssima Virgem*”. Podemos imaginar que Catarina escuta ressoar no fundo do seu coração a palavra de Jesus na Cruz, dirigida ao discípulo: “*Eis aqui a tua Mãe*”. No entanto, veremos que as etapas percorridas por Catarina não foram assim tão simples.

#### AS ETAPAS DO ENCONTRO

##### **MARIA ESTÁ PRESENTE**

“*A Mãe de Jesus está presente*” diante de Catarina. Sua atitude reflete e prolonga a atitude de Deus, revelada em Jesus quando ele diz a Zaqueu: “*Hoje, eu estarei em sua casa*”. Maria assume o risco de se doar a Catarina, sem se impor, ela se entrega à liberdade de Catarina.

##### **CATARINA NÃO A RECONHECE!**

Mas, Catarina não está pronta para o encontro. **Este é um momento importante da aparição.** *Maria está presente* e, no entanto, Catarina diz: “*eu não vejo a Santíssima Virgem*”. É estranho ouvir isto da boca da Catarina, ela que tanto desejou ver Maria! Ela que ouvira o apelo para se levantar: “*a Santíssima Virgem te espera*”, tinha aceitado caminhar até a capela porque sabia que era esperada... agora está com a mente ocupada pela Santíssima Virgem e, no entanto, vê apenas uma mulher que a visita. Apesar do profundo desejo de seu coração, Catarina parece paralisada, bloqueada pela barreira das aparências; ela percebe “alguém” mas não reconhece a Santíssima Virgem... algo parecido ao episódio de Maria Madalena que, no túmulo



percebe Jesus que estava lá, mas “*não sabia que era Ele*” (Jo 20, 13). Neste momento, Catarina é incapaz de encontrar a pessoa de Maria e de entrar em relação com ela.

É a hora da dúvida! Catarina está confusa (26 anos mais tarde ela escreverá este episódio pouco glorioso em seus escritos de 1856. Em 1876, ou seja, 46 anos mais tarde, ela contará para a Irmã Dufès com a mesma precisão de detalhes.

Assim, se as coisas tivessem ficado naquela noite... nada teria acontecido.

### ***POR QUE O ENCONTRO PARECE IMPOSSÍVEL?***

Podemos comparar este episódio da dúvida de Catarina com as passagens da Ressurreição que revelam que os apóstolos, a quem Jesus apareceu, não o reconheceram imediatamente. Eles percebiam “alguém” sem o reconhecer. De alguma maneira, isto se relaciona também, com a experiência de João Batista que, na prisão, se questiona e se inquieta, perguntando se Jesus é realmente o Cordeiro de Deus ou se ele deve esperar um outro. Naquele momento, João Batista não reconhece Deus na pessoa de Jesus, ele não está amadurecido suficientemente para aceitar que a grandeza de Deus se manifesta na pobreza e no despojamento infinito.

Catarina também parece surpresa pela simplicidade de Maria. Catarina está fechada em suas ideias, ela pensa em função do seu universo, ela percebe o que está ao seu redor a partir do que ela é, em outras palavras, ela é “o centro” e não pode ter acesso à realidade do Outro, neste caso com Maria.

Se Catarina permanece com o coração cheio de sua própria plenitude, de suas certezas, e de suas ideias fixas ou de suas queixas, seus olhos e ouvidos não se abrirão à luz que lhe é ofertada. Se ela fica presa a um simples olhar de curiosidade ou de vigilância, ela verá apenas o exterior de Maria, as aparências de sua imagem e nunca alcançará, interiormente, o mistério de sua presença.

### ***O QUE FEZ A VIRGEM MARIA?***

A presença de Maria é bela e emocionante por sua admirável paciência, como era a atitude tão respeitosa de Jesus ressuscitado quando ele se aproximou de Maria Madalena, como um amigo. *Maria estava presente e, lá permaneceu, calmamente*, ela não foi embora batendo a porta, afastando-se de Catarina ou desacreditando dela. Maria permanece em silêncio, não um silêncio de indiferença respeitosa, mas um silêncio que abre à Presença de Deus. Com o olhar voltado para Catarina, Maria é pura entrega, pura generosidade, puro desinteresse. Mesmo se Maria quer partilhar com ela a alegria, ela não se precipita, não força a distância, ela respeita a liberdade de Catarina.

No esplendor desta Presença amorosa, Catarina se tranquiliza. Maria lhe dá o tempo necessário para que se abra ao mistério, para se descentralizar de si mesma, de se preparar para escutar uma outra palavra além da sua, e assim, abordar um outro registro, pois existe o que vemos e o que não vemos, o que conhecemos e o que não conhecemos, o que já experimentamos e o que jamais experimentamos. Aqui, Catarina está atraída suavemente por seu interior para o Amor.

### ***A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS***

O pequeno anjo diz, então: “*Eis aqui a Santíssima Virgem*”. Catarina deve escutar três vezes em seguida esta Palavra para se deixar tocar pela graça. As duas primeiras vezes, ela escuta, mas permanece no exterior, a terceira vez ela escuta e deixa-se instruir e modelar pela Palavra. As palavras de Deus a introduzem nesta realidade que elas evocam, a Palavra se realiza, Catarina se abre à profundidade do mistério.

Abandonando o que ela conhece para ir em direção ao que não conhece, ao que é novo; Catarina deixa Deus ser “Deus”, ser o “Outro”. Doravante, Catarina está em condições de perceber a presença de Maria, de abrir-lhe seu coração e entrar em relação. Aqui está Catarina colocada em pé de igualdade com Maria, existe uma espécie de “ascensão” de Catarina. Não se trata de um nivelamento por baixo, mas sim, para alto.

### ***SOMENTE A GRAÇA DÁ ACESSO AO REINO***

Devemos prender-nos ao sentido espiritual, simbólico dessa narrativa e não simplesmente ao relato em si. Catarina não pode ter acesso à presença de Deus com suas forças sozinhas; desejar não é suficiente. Todo o trabalho de Catarina consiste em se deixar transformar interiormente para passar de sua realidade pessoal à realidade de Deus, do seu próprio mundo, ao mundo de Deus. O verdadeiro encontro com Deus está no esquecimento de si mesma nele .

Esta experiência espiritual de Catarina nos ajuda a compreender que toda a nossa existência está compreendida nesta alternativa: “*eu sou, esteja em mim, esteja em Deus*”. Não há meio-termo.

- Quando eu deixo de pensar em mim, Deus realmente se faz presente.
- Quando me perco de vista, consigo ver Deus.
- Quando não me escuto mais, consigo escutar Deus.

É simples, mas Catarina nos mostra que a realização é difícil. Para esvaziar-me de mim, não posso fazer isto sozinha, com minhas próprias forças, é o *encontro com o Rosto de Deus* que cura o meu amor-próprio ou meu fechamento. É o *acolhimento de sua Palavra de amor* que muda progressivamente minha maneira de pensar, de olhar, de falar e que dá acesso ao Reino de Deus.

#### **A PRESENÇA DA VIRGEM MARIA FAZ CATARINA EXISTIR PLENAMENTE**

“*Olhando a Santíssima Virgem*”, Catarina sente-se irresistivelmente atraída por ela, como Isabel estava no dia da Visitação. Em uma atitude tão familiar como aquela que ela teve em sua infância, deu um “*salto para dela se aproximar*” e viu a Mãe de Deus, tal como ela é: totalmente acolhimento e dom de si-mesma,

O que diz respeito a este face a face, a esta intimidade com Maria, Catarina permanece discreta. Esta sua discrição é o seu segredo, ela não tem o costume de expressar seus sentimentos íntimos. Mas, sabemos que, neste clima de comunhão, seu coração está inundado por uma onda de felicidade e de amor do qual ela não fazia a mínima ideia: “*Ali, passei um momento, o mais doce de minha vida. Seria impossível dizer o que experimentei*”.

Nesta partilha interpessoal Maria e Catarina estão unidas pelo *dom que cada uma fez de si*, acolhendo mutuamente suas realidades expressadas por sua mera presença. Catarina experimenta o Reino de Deus como um lugar de comunhão baseada no dom de si, vivido no acolhimento da outra. É *ao nos doarmos que existimos*, tudo o que guardamos para nós, nós perdemos.

#### **2 - A “MÃE ESPIRITUAL” DOS HOMENS**

Nos olhos de Maria, Catarina descobre que ela existe plenamente, que Deus está lá *para ela, somente para ela*, como se ela fosse única no mundo. “*Eis aqui o teu filho*” diz Jesus na Cruz e não “*eis aqui teus filhos*”. Pelo fato de Maria ter se voltado pessoalmente para ela, Catarina compreende interiormente que ela, também, é “*a filha única de Deus*”! Mas, não da maneira dos judeus que dizem: “*somos o povo eleito e os outros estão na porta!*”. Não! Este amor personalizado que Catarina recebe é para ela um apelo a viver, por sua vez, com os pobres para que cada um deles possa acreditar que também é “*o filho único de Deus*”.

#### **A COMPAIXÃO DE MARIA**

Maria ama seus filhos, não de maneira geral, mas com um amor personalizado, como se fossem únicos no mundo. Catarina está comovida pela *compaixão de Maria que se estende a todos os homens, especialmente aqueles que são vítimas de violência*. Maria sofre com os que sofrem e ela os acompanha como acompanhou seu Filho até a Cruz. No dia 27 de novembro, quando ela sustentou o mundo em suas mãos, disse: “*o globo representa cada pessoa em particular*”. O amor materno da Santíssima Virgem é *incomparável, único*, ele envolve cada um, pessoalmente.

#### **A PRESENÇA REAL EUCARÍSTICA**

Maria que está totalmente em relação com Jesus, orienta naturalmente Catarina para o Cristo: “*Vinde ao pé deste altar*”, alimente-se desta “*Presença real*” eucarística, pois aqui está a verdadeira, a única Pre-

sença de Deus que nos preenche e nos transfigura. Quando a presença do Cristo é investida em nós, nossa presença se torna, para os outros, um dom e traz a luz do seu Amor.

## CONCLUSÃO

Os Fundadores inculcaram nas Filhas da Caridade o amor à Virgem Maria, a imitação da Virgem maria cf. C. 15b) e ensinaram a oração Marial: “As Filhas da Caridade *meditam diariamente o terço... e a oração do Ángelus*” (Estatuto 7b e c). Para os Fundadores, a devoção Marial não é *uma matéria de opção*.

Se quisermos realmente nos tornar Filhas da Caridade, devemos viver do espírito de Jesus, viver à imitação da Virgem Maria. Para isso, devemos amá-la como Jesus a ama. Não existe outra solução senão a de assumir todos os acontecimentos do mistério cristão, todas as palavras de Jesus, todas as palavras que Maria pronunciou e fazer com que penetrem em nosso coração, meditando-os ao longo de nossa vida para pô-los em prática, senão continuaremos a ter o espírito do mundo.

### 1 - Por que os Fundadores nos pedem para AMAR Maria?

#### *PARA FAZER O QUE JESUS FEZ*

Foi o próprio Deus quem primeiro amou Maria. Ele se fez um pequeno embrião no seio de Maria, escolhendo-a como morada, e viver numa dependência radical. Tornando-se uma criança e depois um adolescente, Jesus amou sua mãe, introduzindo-a mais profundamente em seu coração. Ele a introduziu nas pegadas de sua via redentora, cujo ápice foi o Calvário. Lá na Cruz, antes de morrer, pede *ao discípulo para amar sua mãe como Ele mesmo a amou*.

#### *PARA FAZER O QUE DEUS NOS PEDE*

No momento de *entregar o Espírito, Jesus, dá sua mãe ao discípulo*; trata-se da *transmissão de uma herança*. Jesus quer que recebamos tudo de Maria. Ele quer que *a vida nova*, dada em abundância na Cruz, *passe por sua Mãe*. Ao pé da Cruz, Maria recebe *o Espírito de Jesus, para comunicá-lo ao discípulo*. Maria vai ensinar ao discípulo a fazer de sua casa, a morada do Espírito. É através de Maria que João vai receber a vida divina, vai deixar-se gerar pela vida do Ressuscitado [na qual ainda não acredita, pois não compreende nada]. Na verdade, apenas mais adiante tudo se esclarece para João, isto é, no primeiro dia da semana quando, ao entrar no túmulo vazio, ele verá os tecidos dobrados, então, poderá acreditar: *“Ele vive e eu creio”* (Jo 20, 8).

### 2 - Por que os Fundadores nos pedem para IMITAR Maria ?

#### *PARA FAZER O QUE FEZ JESUS*

*“E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens”* (Lc 2,52). Evidentemente que o Filho de Deus poderia ter vindo ao mundo já adulto sem ter necessidade de uma educação e de instrução, mas preferiu ser realmente um de nós. Maria foi a educadora de Jesus e não somente sua mãe; ignoramos os métodos empregados por Maria para a educação de Jesus, mas sabemos que aprendemos apenas aquilo que vivemos em nosso interior. Ora, Maria desde a Anunciação abandonou-se em total confiança à Vontade de Deus: *“não a minha vontade, mas a vossa”*. Jesus vai repetí-la muitas vezes, especialmente no jardim do Getsêmani.

#### *PARA FAZER O QUE DEUS NOS PEDE*

O que Deus fez em Maria no dia da Anunciação, quer também fazer em cada uma de nós, Ele nos chama para nos tornarmos não somente Imaculadas e Servas, mas também *“mães do Cristo”*, para gerar o Cristo em nosso coração. Imitar Maria é *“receber Jesus em nós”* e *permitir-lhe crescer*: Maria nos mostra que o crescimento de Jesus exige que lhes respondamos *“sim”* e que façamos a sua vontade.

### 3 – HONRAR MARIA

Para os Fundadores, a oração Marial não está na ordem da opção facultativa, mas, na ordem do necessário pois, para amar e imitar a Virgem Maria, isto supõe ter uma **vibrante relação** com ela, contemplá-la naquilo que ela é, naquilo que ela faz, em seu “sim”, em sua participação ao mistério da Encarnação de Deus, e também em nos deixarmos contemplar por ela, em nos deixarmos invadir por seu olhar. Assim:

#### ***QUANDO NOS VOLTAMOS PARA MARIA, COLOCAMOS NOSSOS PASSOS NAS PEGADAS DE DEUS***

Foi o próprio Deus que primeiro saudou Maria: “*Ave cheia de graça*”. Ao voltar-nos para Maria seguimos os passos de Deus, e vamos naturalmente em sua direção.

#### ***QUANDO SUPLICAMOS A MARIA SUA INTERCESSÃO, NOSSA ORAÇÃO SOBE IMEDIATAMENTE ATÉ DEUS***

Porque Maria Imaculada *não mantém nada para si*, ela entrega tudo para Deus. Tudo o que recebe, ela o oferece a Deus, não guarda nada para si. Se existe algo que Maria não sabe fazer é olhar-se no espelho, “*não existia espelho em Nazaré*”. Portanto, quando invocamos Maria, nossa oração sobe como um foguete para o coração de Deus.

#### ***QUANDO ESTAMOS COM MARIA, CONTEMPLAMOS QUEM É DEUS***

A palavra do anjo dirigida à Maria: “*O Senhor está contigo*”, significa para cada um de nós, inclusive para os publicanos e pecadores: “*Estar conosco*”, é o coração de Deus: Deus passa sua eternidade pensando em cada um de nós, de maneira única. Cada um de nós é seu filho único. (Em uma família numerosa, cada filho desta família é único. Logo, se nós já podemos realizar este mistério, quanto mais, o Senhor que é infinito! Não devemos nos escandalizar porque existem bilhões e bilhões, isto não é um problema para Deus, porque Deus é infinito).

Maria nos lembra que Deus espera simplesmente que nos acolhamos, que nosso coração se abra ao mistério que nos é ofertado no comum dos nossos dias.

#### ***QUANDO INVOCAMOS MARIA, RECEBEMOS O ESPÍRITO QUE A REVESTIU PLENAMENTE***

Porque o que é próprio em Maria, é este convite a nos abirmos a graça que vem do Cristo. Este é o seu papel de mãe, a única função que ela recebe do Espírito. *Cheia de graça*, Maria é o coração no qual Deus se entrega em plenitude. Ela recebe *perfeitamente a graça e a transmite com uma pureza perfeita*; ela não é uma intermediária, ela é “*a transparência de Deus*”.

Por isso, podemos ***sempre passar através de Maria PARA acolher realmente o dom de Deus***

Certamente, temos acesso direto a Deus que se faz próximo de cada um de nós. Mas, este acesso se faz na medida em que somos capazes de caminhar em sua direção, de acolher o dom que Ele nos faz. Pois, Deus está *muitíssimo próximo*, porém, nós *estamos longe*, somos apenas pobres pecadores, nos colocamos sempre no centro, refletimos a partir de nós, fechamos os olhos e os ouvidos, não sabemos acolher e, por isso, permanecemos sempre distantes do Cristo. Mas, *no centro da Igreja*, existe uma ***presença crente, Maria***; ela é plena “***capacidade de acolhimento***”.

Na encíclica *Redemptoris Mater*, João Paulo II repete com veemência o que o Concílio tinha afirmado, isto é: “*a mediação de Maria favorece nossa união imediata com o Cristo*”<sup>2</sup>. Esta frase é absolutamente desconcertante para a nossa lógica humana. De certa maneira, podemos dizer que *sua mediação materna favorece a ausência de mediação; do mesmo modo, se não existisse esta mediação maternal não existiria mais a imediata união com o Cristo*, pois, permaneceríamos reduzidos a nossa pobre fé e nossa capacidade de acolher o Cristo seria, portanto, imperfeita! Se queremos viver sem Maria para irmos diretamente a Deus, nós iremos, infelizmente, passar por todos os desvios dos nossos pecados, de nossas dificuldades, e de nossas incompreensões.

Maria está lá para favorecer nossa união com o Cristo. “***Receptor perfeito***” da graça, Maria não se faz uma cortina entre nós e Deus, ela não é uma intermediária, ela é ***uma transparência***, ela é um “***lugar de***

*passagem*". Se aceitamos passar por ela, através de sua fé, então compreenderemos quem é Deus, quem é este Deus capaz de se Encarnar, capaz de sofrer e de morrer por nós.

É uma verdade de fé essencial. Sem a mediação materna de Maria nossa união ao Cristo é imperfeita, a medida de nossa fé parcial e limitada. Mas, no Coração de Maria, somos gerados para a vida em Deus. Então, fazendo-nos um com Maria, nos tornamos com ela, totalmente receptivos ao Espírito. Foi por Maria que Jesus entrou neste mundo, é por Maria que o Cristo também entra em nossa alma.

### **III - PARA NÓS, HOJE**

#### **I - AMAR E IMITAR MARIA "IMACULADA"**

##### **1 - CONTEMPLAR EM MARIA O QUE SOMOS CHAMADAS A SER**

Em sua carta aos Efésios, São Paulo diz: "*Ele nos escolheu em Cristo antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos*". São João diz a mesma coisa: "*Somos filhos de Deus... todo aquele que é nascido de Deus não peca*". No pensamento de Deus, somos todas "imaculadas": e a graça sempre nos é ofertada para que nos tornemos "santas e imaculadas". Cabe a nós acolhê-la.

Em Maria, contemplamos o que somos chamadas a nos tornar, pois, no momento, estamos a caminho, temos ainda o nosso "velho homem", no entanto, já existe em nós uma dimensão imaculada.

##### **2 - TORNAR-SE "ADORADORA DO PAI"**

Deus se doa a cada uma de nós, mas isto só acontece mediante nossa liberdade, pois a única coisa que o Todo-Poderoso não pode fazer é forçar um coração a se abrir. Maria Imaculada nos diz o que devemos oferecer a Deus, isto é, devemos dizer-lhe "sim", centrar-nos em Deus e, portanto, descentralizar-nos de nós mesmas. É a verdadeira conversão cristã, é uma revolução "copernicana" permanente: não é o sol que gira em torno da terra, mas a terra que gira em torno do sol. Maria Imaculada nos faz descobrir a importância de descentralizar-nos de nós mesmas para colocarmos Deus no centro de nossa vida.

Muitas vezes, temos a tendência de recair na concepção errônea da religião; fazemos do cristianismo uma moral para sermos melhor, colocamo-nos no centro, e fazemos de Deus um instrumento para nossa perfeição moral, confundindo a vida da graça com a perfeição moral. Não é Deus que está no centro, mas somos nós. Ora, a graça não existe para tornar-nos perfeitas ou mais belas, a graça existe para nos ajudar a **tornar-nos mais amorosas, a tornar-nos somente Amor.**

Tornar-se "*imaculada*" não é, portanto, aprender a "escalar" para ser a maior na perfeição, mas ao contrário, é aprender a acolher, a escutar, a olhar para o outro e não somente a si. Maria Imaculada nos ensina a acolher o dom de Deus; isto é o mais difícil, é um trabalho extraordinário aceitar existir em segundo plano e permitir que Deus aja através de nós.

**Quais apelos** podemos guardar para a nossa vida diária? Aqui estão, entre outros, três apelos para permitir que Deus realize seu projeto em nós, segundo nossa vocação de serva dos pobres.

##### **3 - IDENTIFICAR AS GRAÇAS QUE SÃO REALIZADAS EM MIM**

Deus não para de nos oferecer suas graças para nos arrancar de nossas limitações e encher-nos de sua Presença. A graça abre todas as nossas faculdades ao Amor; ela nos faz entrar em uma **Aliança viva com Deus** em uma partilha dinâmica e não estática, pois a graça é também **um apelo para crescer e uma missão a realizar.**

EM NAZARÉ, MARIA se deixa visitar por Deus; ela acolheu plenamente *a graça única de "sua conceição imaculada"* em vista de sua missão de Mãe de Deus.

Essa graça foi também, para ela, ***um apelo para crescer***: se Deus se fez embrião no ventre de Maria, foi para que esta mãe crescesse com Ele e ajudasse outros a crescer. Maria avançou no caminho de fé que iria conduzi-la até o pé da Cruz, esta cruz que a acompanhou do início ao fim.

EM PARIS, CATARINA também se deixou surpreender por Deus; ela acolheu ***a graça única do encontro de 18 de julho de 1830 em vista da missão*** que deveria realizar: fazer cunhar uma Medalha com uma imagem da Imaculada. Essa graça foi, para Catarina, ***um apelo para ver tudo em Deus e ver Deus em tudo***. Sabemos também que esta missão foi o ***“martírio de sua vida”***.

AQUI, NESTE MOMENTO, CADA UMA DE NÓS existe no pensamento de Deus, mas ainda nos falta percebê-lo.

### ***a) Uma graça única e pessoal***

Cada uma de nós recebeu uma ***graça única... em vista de uma missão***. Esta graça única nos foi confiada pessoalmente. Ela é sempre ***um apelo para crescer***, para existir ainda mais na vida em Deus, na sua maneira de ver, de pensar e de agir. Esta graça única, nós devemos cultivá-la, pois nenhuma outra pessoa poderá utilizá-la.

### ***b) Nossa “Nazaré”***

*Cada dia, Deus nos concede sua graça no centro de nossa vida tal como ela é. Maria nos ensina a descobrir a “nossa Nazaré”, a “Nazaré do nosso coração”, a “Nazaré da nossa vida” onde Deus se doa. Ela pode nos ajudar a não nos focalizarmos unicamente naquilo que pedimos a Deus, pois, não perceberíamos mais o que nos é dado a cada dia.*

Mas, não nos enganemos! Acolher a graça de Deus não é uma garantia oferecida para “surfear” sobre as dificuldades da vida. Quando São Paulo diz: *“eu vivo, mas já não sou eu quem vive é Cristo que vive em mim”* ele acrescenta: *“Minha vida, hoje, eu a vivo na fé no Filho de Deus que me amou e que se entregou por mim”*, ou seja, isto vai até a Cruz! Portanto, não nos surpreendamos se nem sempre as coisas são fáceis! Fomos prevenidas, isto vai até o pé da Cruz. Então, se queremos o bem-estar, o repouso permanente ou o desenvolvimento pessoal, devemos buscar um “SPA” e não seguir o Senhor, pois com Ele, é a morte na Cruz que nos espera.

## **II - AMAR E IMITAR MARIA, SERVA DO DESÍGNIO DO AMOR DO PAI**

### **1 - PARTICIPAR DA FÉ DE MARIA**

A bem-aventurança de Maria: *“Bem-aventurada aquela que acreditou”* é retomada no final do Evangelho de São João quando Jesus diz a Tomé: *“felizes o que acreditam sem terem visto”*. Tomé, o discípulo que hesita e que duvida, deve olhar para Maria, aquela que crê; deve inscrever-se na fé de Maria. Através de Tomé é a Igreja inteira que deve inscrever-se nesta fé de Maria.

Com Maria e através dela, a Igreja aprende a seguir o Cristo até o seu despojamento. Foi na Cruz que Jesus escolheu nos dar sua mãe, pois precisamos de sua mediação maternal para não ficarmos limitadas a nossa pobre fé. Sem a sua mediação, nossa capacidade de acolher o Cristo seria limitada e, portanto, imperfeita. Maria nos ensina a nos despojar da nossa posição para deixar crescer em nós a parte de Deus e nos tornarmos as humildes servas do Senhor.

### **2 - TORNAR-SE SERVA**

Porque Maria viveu plenamente esta palavra: *“Faça-se em mim segundo a vossa Palavra”*, ela pode dizer aos outros: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*, não façam conforme as suas ideias, mas façam segundo a sua Palavra! Através de sua inteira disponibilidade a Deus, Maria nos ensina que ser serva não se reduz a prestar serviços, mas trata-se primeiro de uma atitude interior espiritual que busca fazer o que agrada a Deus; é uma disposição do coração que quer realizar em tudo a vontade de Deus. O que importa, não é o que dize-

mos e o que fazemos, mas é a nossa capacidade de obedecer, de fazer a vontade de Deus. Maria pode ajudar-nos a reordenar nossa vontade a de Deus, a fazer com que nossa vontade corresponda à vontade de Deus.

### III - AMAR E IMITAR MARIA, MÃE

#### 1 - OLHAR PARA AS PESSOAS COM UM OLHAR DE FÉ PARA QUE ELAS POSSAM “APARECER”.

As aparições dependem da pessoa que aparece, mas também da maneira como esta pessoa olha. Dizemos com frequência que *Maria apareceu a Catarina*, é verdade. Mas, nos esquecemos de dizer que foi preciso *primeiro que Catarina aparecesse a Maria*. Na verdade, no dia 18 de julho, a primeira pessoa a aparecer foi Catarina. No Seminário, ninguém tinha notado Catarina, ela passava despercebida, não chamava a atenção de ninguém. Porém, na luz de Deus, Maria **olha para** Catarina, ela **vê a beleza única e insubstituível** de Catarina. Podemos dizer ainda de outra maneira: “*aos olhos de Maria, o mistério interior de Catarina “aparece”*” ou ainda: “*sob a luz do amor, Catarina “aparece a Maria”*”.

Com frequência, as pessoas ao nosso redor passam despercebidas, não as ouvimos, não as vemos, ou olhamos para elas como objetos; descrevemos o seu exterior sem nos aproximarmos delas, pois, nossos olhos estão fechados pelo nosso egocentrismo. Em nosso cotidiano, os outros não nos “aparecem”. Se soubermos abrir nossos olhos, veremos nossos irmãos à luz de Deus. Somente o olhar de fé permite reconhecer os outros, tal como eles são e não tal como gostaríamos que fossem e, também, discernir sua presença, sua beleza interior. Esta aparição é um apelo a deixar “aparecer” sob a luz de Deus, o mistério das pessoas com as quais vivemos, a retirar um pouco todas as máscaras que exageradamente utilizamos.

Se somos capazes de dizer a cada um: “*eu te amo porque tu és amado por Deus*” ou ainda “*é o Senhor*” e realmente pensamos desta maneira, eles poderão acreditar e sentir-se à vontade para revelar seu verdadeiro rosto. Assim, permitiremos que eles “apareçam”. Se assim o fizermos, também com nossas Irmãs, isto vai imediatamente renovar nossas comunidades.

#### 2 - ESTAR LÁ ONDE DEUS TEM NECESSIDADE DE NÓS

- No Evangelho, Maria **está lá**, onde Deus tem necessidade dela.
- Na noite de 18 de julho, Catarina **está lá** onde Deus tem necessidade dela.
- Hoje, nossa vocação consiste em “**estar lá**” onde Deus tem necessidade de nós.

#### **ESTAR LÁ**

Devemos sempre nos perguntar: “*Estou presente, aqui, neste momento?*”. Pois, muitas vezes estamos somente pela “metade”! Estamos um pouco cansadas, um pouco inquietas, um pouco preocupadas... estamos sempre um pouco distantes, um pouco longe ou um pouco adiantadas... Quando estamos na capela ou em uma reunião, já estamos pensando que será preciso ir para tal lugar, ou que esquecemos algo, como trancar a porta do gabinete ou de apagar a luz etc.

*Da mesma maneira, podemos estar ao lado de alguém e ao mesmo tempo estarmos ausentes*, assim como podermos estar presentes junto a alguém que está a centenas de quilômetros. Isto significa que *não se trata de uma questão de presença física*. Portanto, não basta “estar lá” fisicamente para que algo aconteça. Não estamos presentes porque fomos colocadas lá, sentadas ou em pé, estamos realmente *presentes quando nos tornamos presente*.

Nossa presença é sempre, para os outros, um centro de irradiação... e esta radiação é luz ou trevas de acordo com a escolha que fazemos de nós mesmos. A cada dia, Deus quer vir ao mundo e enchê-lo de sua Presença. Deus é plenitude, é transbordamento de plenitude, porém, nada pode fazer sem a nossa colaboração; Ele precisa de nós; Ele nos confia sua Presença.

Todavia, Deus só pode doar-se aos *corações pobres* que lhe dão espaço. A pobreza do coração, contrário da suficiência, é a chave do Evangelho. Maria que existe *em forma de acolhimento* nos ensina esta atitude fundamental que consiste em acolher o outro em sua diferença, isto é, não somente conceber que ele pode ser diferente, mas também em nos libertar de toda pretensão de possuir a chave de toda a realidade. Se acredita-

mos que, de alguma maneira, somos melhores que os outros, mais santos que eles, etc., neste caso não existe possibilidade de um encontro.

### ***ESTAR LÁ ONDE DEUS PRECISA DE NÓS***

Se estamos lá, onde Deus precisa de nós, *amamos a realidade concreta* dos nossos dias, *amamos o instante presente* porque Deus se faz presente em nossa vida diária. Nós amamos:

- **estar lá “na capela”** quando é hora de rezar e não somente física ou intelectualmente.
- **estar lá “nos momentos comunitários”** no dom de si aos outros, renunciando a tudo o que é muito individual.
- **estar lá “a serviço”** quer seja a serviço dos pobres ou no gabinete, na sacristia, na cozinha lavando a louça, é lá que Deus se encontra. Desde o mistério da Encarnação, devemos buscar Deus “embaixo”, no centro de nossa vida.

Maria nos ajuda a compreender que o importante não é a grandeza ou a dificuldade das coisas que fazemos, mas a presença do amor naquilo que nos é pedido para realizar. A aparição de 18 de julho de 1830 traça o caminho de uma “Pastoral de presença” feita de proximidade. *A presença*, se ela é dom de si, é a *primeira riqueza que podemos comunicar*. A presença é algo que ultrapassa um “fazer”, mesmo se devemos realizar um trabalho e assegurar responsabilidades.

Quando os pobres nos encontram e têm a certeza de que estamos realmente “*presentes*” diante deles, prontas para escutar o que eles têm a nos dizer, seus corações são tocados e tornamos visível a presença de Deus. O lugar onde estamos se torna o lugar da “*presença real*” de Deus que toca os corações e transforma o mundo. Mesmo sem que saibamos, *aqueles que cruzam o nosso caminho, se tornam mais brilhantes e mais amorosos*. Pois, as pessoas que fazem a experiência desta “qualidade de presença” sabem em seu íntimo que restabelecem a paz em seus corações. Todas nós já fizemos um dia a experiência: os rostos humanos que permanecem vivos em nós são aqueles nos quais foi possível perceber a Presença infinita de Deus.

Irmã Anne Prévost  
Filha da Caridade

#### **Nota**

<sup>1</sup> A maternidade de Maria na ordem da graça é um elemento constitutivo do designio de Salvação (Academia Marial Internacional p. 174).

<sup>2</sup> Cf. RM 38, 2 que retoma a LG n° 60.

### **PADRE P. GRIFFIN, CM**

#### **“A Palavra de Deus: cinco conceitos para bem escutá-la” continuação**

Os cinco conceitos que podem nos ajudar a estudar a Palavra de Deus são a Revelação, a Inspiração, a Interpretação, a Inerrância e a Canonicidade.

Após termos visto os três primeiros conceitos para escutar a Palavra de Deus (cf Ecos nº3 págs. 146), falaremos agora sobre a Inerrância (convicção que a Bíblia não tem erros) e a Canonicidade (regra com a marca originária de seu Divino Autor).

#### **IV. INERRÂNCIA**

Frequentemente, pode-se ouvir que os textos da Escritura Sagrada são “inerrantes” ou contêm um ensinamento “infalível”. O significado desta afirmação deve ser compreendido claramente a fim de saber o que Deus escolheu nos revelar na mensagem bíblica. Uma passagem da *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*, do Concílio Vaticano II é muito útil neste sentido:

*“E assim, como tudo quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza,*



*fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras” (DV, 11).*

Devemos observar a qualificação dada ao que Bíblia ensina. O texto sagrado foi escrito sob a orientação do Espírito Santo e, portanto, pode-se dizer que ensina "com certeza, fielmente e sem erro", mas o objeto desta afirmação é “a verdade que Deus quis que fosse consignada nas Sagradas Letras para nossa salvação”. O essencial é esta frase final. A Bíblia ensina sem erros a verdade que Deus quis revelar para a nossa salvação.

A Bíblia não é um livro de história ou de geografia; não é um texto de sociologia ou de ciências. Ela expressa a história, a ciência e a sociologia como eram apreciadas pelo povo de sua época. Os autores não receberam um conhecimento infuso sobre a criação do mundo ou a origem da humanidade ou da migração dos povos. Há muitos exemplos que provam como isto é verdade e, na era moderna, estas ideias frequentemente se agrupam ao redor dos princípios científicos. Permitam-me começar com a história de Galileu.

Durante a maior parte da história humana, as pessoas acreditavam que o sol girava ao redor da Terra. Quando observamos o sol se mover no céu, temos também a impressão que estamos estáticos e que é o sol que se move, além disso, não sentimos nenhum movimento. Este foi o senso comum de muitas pessoas por um longo tempo. Numa história bíblica, Josué pede ao Senhor para parar o movimento do sol enquanto o povo de Israel estava na batalha. Isto foi interpretado por algumas pessoas como um ensinamento infalível de que o sol se movia ao redor da Terra desde que Josué parou o sol (Js 10, 7-15) e Isaias fez com que ele se movesse em sentido contrário (Is 38, 1ss.). Quando Galileu demonstra que, na verdade, o sol está no centro do nosso sistema solar e que os planetas giram ao redor dele, pareceu que ele estava contradizendo a Bíblia e também o senso comum de muitas pessoas. Mas a Bíblia não estava ensinando Astronomia ou Física; ela estava expressando a crença de pessoas da época. Saber que o sol gira ao redor da Terra ou se a Terra gira ao redor do sol não é necessário para a nossa salvação – não é neste sentido que Deus ajuda seu povo.

Pode-se usar argumentos semelhantes para a questão da criação ou da evolução. Como Deus criou o universo ou os seres humanos não é necessário para a nossa salvação; a verdade é que Deus fez estas coisas acontecerem de alguma maneira de acordo com a sua Vontade Divina. Não é a forma como Deus criou o universo ou os seres humanos que é ‘inerrante’, mas o fato que Deus criou estas realidades e nos criou.

A Bíblia ensina “*com certeza, fielmente e sem erro a verdade que é necessária para a nossa salvação*”. Se o ensinamento não contribui para a nossa salvação, ele não é inerrante. Não podemos considerar a Bíblia como o livro que contém a resposta para todas as questões da ciência, história ou da sociologia. As pessoas não precisam procurar a resposta para todas as perguntas escondidas no texto bíblico como se fosse um texto misterioso e enigmático. A verdade que a Bíblia tem para ensinar está clara para as pessoas de fé mais simples, sob a orientação do Espírito Santo. Seu significado não precisa ser distorcido e alterado para se encontrar as respostas às perguntas que os autores bíblicos nunca fizeram ou nem imaginaram. É verdade que é preciso estudar o texto bíblico a fim de discernir todo o seu significado e que uma percepção mais profunda surge quando se passa mais tempo com o texto, mas tudo depende do nível da fé da pessoa e não dos seus conhecimentos intelectuais sobre o mundo.

Os ensinamentos infalíveis das Escrituras são aqueles que são necessários para a nossa salvação e estes são verdadeiros em todo tempo e lugar.

## **V. CANONICIDADE**

O último conceito que consideraremos para ler e entender corretamente a Bíblia é “canonicidade”. De todos os termos, este talvez seja o menos familiar, mas indica algumas ideias muito importantes que iluminam o texto bíblico.

A canonicidade refere-se à seleção de certos textos que compõem a Bíblia. Todos os textos que fazem parte de nossa Escritura judaico-cristã são chamados de canônicos. Nos primeiros séculos da era cristã, existiam muitos textos disponíveis que poderiam ter sido incluídos na Bíblia. A Igreja selecionou aqueles que seriam incluídos e rejeitou outros. Este é um primeiro e importante ponto com relação à canonicidade: foi a Igreja que decidiu, inspirada pelo Espírito Santo, quais eram os livros que fariam parte do cânon. Esta deci-

são foi tomada baseando-se na avaliação de quais textos falavam ao coração de nossa fé e comunicavam a mensagem de Deus mais claramente. Este processo de seleção não aconteceu imediatamente no primeiro século. Sem o benefício de uma impressora e dos meios modernos de comunicação, as unidades da comunidade cristã primitiva possuíam diferentes livros em seus cânones. Algumas tinham os evangelhos de Mateus e João, o livro do Apocalipse e três cartas de Paulo. Outras tinham o evangelho de Marcos e Lucas, os Atos dos Apóstolos e as cartas de Pedro e Judas, etc. Incluídos em alguns destes cânones locais existia também outros textos que não entraram no cânon final da “Grande Igreja”. Foi somente no século IV que a Igreja reuniu todos os livros que deveriam fazer parte do cânon e decidiu quais deveriam ser incluídos. Foi um esforço considerável, mas deu origem ao cânon que usamos hoje.

Não é o autor do texto que determina se o livro será canônico ou não, é a Igreja, o Povo de Deus, que reconhece quais textos comunicam a verdadeira fé e devem ser incluídos nos Livros sagrados.

Há algumas críticas que afirmam que Igreja incluiu alguns textos na Bíblia e escolheu excluir outros. Isso é verdade e é a natureza da Bíblia. Nem tudo que foi escrito nos primeiros séculos é palavra de Deus inspirada. A Bíblia está no seio da Igreja e sua interpretação autêntica ocorre nesse contexto. A Bíblia pertence à Igreja e a cada indivíduo dentro da Igreja. Nenhum indivíduo tem o direito de se colocar do lado de fora da Igreja, isto é fora da comunidade judaico-cristã e interpretar autenticamente as Escrituras. Na comunidade cristã, contudo, há vários caminhos possíveis de escuta das Escrituras e discernimento da Vontade de Deus. A Palavra de Deus é maior do que a Igreja, mas seu significado se concretiza na Igreja.

Este primeiro ponto sobre a característica da canonicidade leva a um segundo. Todos os livros que foram incluídos na Bíblia são canônicos, em sua totalidade, e apenas todos os livros juntos compõem a Bíblia canônica. Não se pode escolher quais livros considerar canônicos; não se pode selecionar frases favoritas e rejeitar o resto das Escrituras. A Bíblia é canônica apenas em sua totalidade. Apenas a Bíblia em sua totalidade é a palavra revela de Deus.

Isso significa que se deve ler a Bíblia toda para compreender o que Deus revelou para nós. Cada parte do texto bíblico ajuda na interpretação de outro.

Deve-se observar também que não há “o” texto bíblico. Nós não temos o autógrafo de nenhum escrito bíblico, o texto original como um manuscrito de um autor bíblico, também não temos uma fonte da qual possamos aproximar-nos sem ressalvas. Cada livro bíblico tem centenas de manuscritos que dão testemunho do texto e há pequenas diferenças entre cada um deles. É no conjunto que a revelação acontece e não em passagens individuais removidas do seu contexto bíblico. Este é o propósito e o significado do cânone. Ele inclui todos os livros bíblicos numa ordem canônica e com um texto canônico apresentado e aprovado pela Igreja.

## CONCLUSÃO

Quando alguém começa a ler a Bíblia, não é a mesma coisa que ler qualquer outro livro. Nós somos confrontados com a Palavra de Deus que precisa ser tratada com respeito e fé. Muitas pessoas fazem suposições e posições que não são justificadas pelo texto bíblico. Estas suposições e estes posicionamentos presumem tratar o texto bíblico com grande reverência, mas, na verdade, não reconhecem a realidade do que Deus nos deu. Pode-se imaginar a Bíblia um pouco nos mesmos termos do mistério de Jesus, Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. Trata-se de uma realidade divina e humana. A Bíblia contém a palavra inspirada por Deus que revela a Vontade Divina para a comunidade humana, mas também é uma construção humana que contém as limitações do que pertence à ordem criada. Os dois conceitos juntos permitem uma aproximação da Bíblia com um olhar próprio.

Para ler a Bíblia corretamente, deve-se fazer uso dos dons que Deus nos deu, como seres humanos. Primeiro de tudo, é claro, é o dom do Espírito Santo, que nos permite ler o texto compreensivamente e encontrar sua correta aplicação. Mas, há também o dom da inteligência humana e do livre arbítrio que nos encorajam a refletir sobre o texto, comparar diferentes partes do texto e discernir o que é que Deus está nos ensinando (e para mim) em um determinado tempo e lugar. Fazer uso dos dons que Deus nos deu e abrir-nos à inspiração divina permite a comunicação que o texto pretende iniciar. Nós não lemos o texto, simplesmente

te, mas ouvimo-lo diante de Deus, o contemplamos na presença divina e procuramos a orientação que ele tem para nos oferecer e a inspiração para nossas palavras e ações.

Os cinco conceitos que foram ilustrados nesta conferência sobre a Palavra de Deus podem ajudar-nos a ouvir a Palavra de Deus com maior reverência e respeito. Nós reconhecemos que é o próprio Senhor que se revela a nós. Sabemos que este texto foi escrito sob a inspiração do Espírito Santo e precisa ser lido sob essa mesma inspiração divina. Sabemos que a Escritura tem um significado para o nosso tempo e lugar e que somos chamados a interpretá-la adequadamente, ao mesmo tempo em que prestamos atenção ao significado que teve para as primeiras comunidades judaico-cristãs. A verdade infalível que a Bíblia nos ensina destina-se a conduzir-nos à nossa salvação, quando estudamos e acreditamos no que lemos. Sabemos que a Bíblia pertence à Igreja e que é no seio da Igreja, no meio de uma comunidade cheia de fé, que o seu significado é garantido e protegido.

A Bíblia é um dos grandes dons que o Senhor nos deu. É um meio de comunicação divino e humano. À medida que continuamos a ler e rezar com a Bíblia, pedimos que o Senhor abra os nossos ouvidos e nossa boca para ouvir e falar com fé.

Texto preparado pelo Padre P. Griffin,  
mas, lido pelo Padre B. Schoepfer  
durante a Sessão para Irmãs entre 25-40 anos de vocação

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Testemunho

#### **Província da Eslovênia**

A Eslovênia é um país da antiga Iugoslávia, que conquistou sua independência em 1991 e passou a integrar a União Europeia em 1997. O regime comunista marcou minha juventude. Pessoalmente, eu nunca fui perseguida ou discriminada, ainda que naquela época, os cristãos fossem considerados cidadãos de segunda categoria. Se uma pessoa não fosse membro do partido comunista, ela não poderia exercer uma profissão relevante como professor, diretor, ou ser da polícia, etc. Atualmente, mesmo vivendo um regime democrático, ainda existem pessoas com esta mentalidade que tratam os cristãos, as famílias com mais de três filhos e agricultores como cidadãos de segunda categoria e que devem ser tratados como tais. A geração precedente, incluindo a dos meus pais, sofreu muito após a Segunda Guerra Mundial. Meus três tios foram assassinados pouco depois da guerra e um deles era estudante de teologia. Apesar disso nunca me impediram de estudar como aconteceu com os jovens de uma ou duas décadas precedentes. Do meu tempo de escola, lembro-me ainda de murmúrios que circulavam sobre os professores que viviam sua fé de maneira pessoal, indo à missa em outras paróquias e sentando-se em algum canto da Igreja, escondido, evitando ser vistos.

Entrei para a Companhia das Filhas da Caridade porque desejava trabalhar na área médica. Naquela época, o principal serviço de nossas Irmãs era na área médica porque elas estavam proibidas de exercer outra profissão. Admirava o carisma e a espiritualidade de São Vicente e sentia que era a missão da minha vida. Fiz o meu Seminário na Sérvia onde as Irmãs estavam exiladas. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de trabalhar com pessoas que eram doentes física ou mentalmente.

Há dezessete anos, tenho trabalhado como médica - clínica geral - no Sistema Nacional de Saúde que assiste a maioria da população, inclusive os marginalizados e pobres. Nosso sistema de saúde tem bases na solidariedade, mas cada vez mais, as pessoas têm uma renda muito baixa para pagar o seguro básico, especialmente trabalhadores estrangeiros de diferentes partes da antiga Iugoslávia vivendo na Eslovênia. Eles são explorados, pobres e sem direitos. Com muita frequência, acabam desempregados se reivindicam abertamente seus direitos ou chamam a fiscalização do trabalho. Normalmente, eu os atendo de graça ou encontro uma maneira para organizar o tratamento.

Eu trabalho num Centro de Saúde numa pequena cidade da zona rural. Trabalho com uma equipe composta por uma enfermeira leiga que me ajuda muito. Acredito que compreendo melhor meus pacientes

quando compartilho com eles as condições de vida e de trabalho. Sendo uma Irmã, é esperado que eu trabalhe mais por um salário menor. A Eslovênia é o país mais corrupto da Europa, em consequência do antigo regime. Tento oferecer uma ajuda benéfica a todos de maneira igualitária. Algumas vezes, faço até mais pelos pobres que, normalmente, não estão em condições de obter a ajuda necessária ou são muito humildes para obtê-la. Trabalhar com cuidados primários de saúde me permite ver ou encontrar pessoas com vários problemas ou necessidades: médicas, sociais, problemas familiares, problemas relacionados à imigração, violência ou solidão. Tenho a oportunidade de visitá-los em suas casas e acompanhá-los em suas vidas. Posso aconselhar ou apenas escutá-los quando precisam. Posso enviar uma enfermeira para ajudá-los ou chamar uma assistente social ou um psicólogo. Posso encaminhá-los para diferentes clubes ou associações. Claro que meu principal trabalho profissional é o tratamento médico.

Ser médica ou enfermeira é uma profissão gratificante que nos oferece, diariamente, uma satisfação interior. Uma das principais obras de Jesus foi curar os doentes e as pessoas com deficiências. Ele sabia quão destrutivo o sofrimento pode ser e curava-os corporal e espiritualmente.

Ninguém sabe quão terrível é suportar a dor até que a experimentemos em nosso próprio corpo. É muito diferente quando eu digo ao paciente “*Você tem isso ou aquela doença*” e quando eu a tenho. Tenho aprendido que todo problema se torna um problema real apenas quando se torna meu. Procuro ser compreensiva com os doentes, faço um esforço para não generalizar, porque cada pessoa é um indivíduo que merece respeito. Não trato da angina, mas trato pessoas que têm angina. Meu paciente não é um objeto e uma abordagem clínica não deve ter a precedência sobre o humano. O modelo industrial de um médico trabalhando mais rápido e mais barato leva a um trabalho rotineiro e a uma desumanização dos pacientes, privando-os de sua dignidade.

Eu suponho que minha preocupação com papeis e trabalhos no computador é semelhante àquela que cada uma pode ter. Ao invés de estar concentrada no paciente, eu devo preencher tantos formulários, escrever a mesma coisa três vezes em três diferentes lugares. Infelizmente, a burocracia parece dominar as nossas vidas. Se eu quiser ter mais tempo para meus pacientes, eu tenho que encontrá-los em meu tempo livre.

No meu trabalho, posso ver como as pessoas anseiam por Deus, atualmente. Em meu país, muitos são os que se declaram ateus, que buscam um sentido para a vida no dinheiro ou na carreira. Mas, quando ficam doentes, especialmente com uma doença séria, eles lutam contra ela até a exaustão. Se alguém morre, os parentes querem encontrar o culpado pela morte. Muito frequentemente, eles acusam o médico ou o tratamento. Até algumas pessoas que se dizem religiosas, na doença, perdem sua fé em Deus. No passado, as pessoas pensavam que a doença era um castigo pelo pecado, hoje, elas compreendem que é o resultado de uma vida não saudável. Então, o medo da doença os faz cuidar do corpo de maneira excessiva. Começam todos os tipos de dietas, exercícios e espiritualidades, como a Yoga. Seu tempo e seus pensamentos ficam ocupados consigo mesmo. Eles fazem tudo para se sentirem em forma, mesmo se negligenciam todas as pessoas ou seus deveres; ter um corpo em forma e saudável se tornou o deus moderno.

Há uma outra situação incrível com pessoas idosas, isoladas ou em estado terminal. Elas não têm o apoio adequado ou o cuidado de suas famílias. Ninguém tem tempo ou energia para elas. Os parentes dos pacientes, algumas vezes, vêm a mim para mostrar como eles desejam o melhor atendimento para seus pais, mas não fazem nada para ajudar. Eles esperam todos os cuidados do sistema de saúde pública, incluindo a enfermagem e o transporte para ir até o médico. Por outro lado, as pessoas idosas não querem ser um fardo para suas famílias e, muitas vezes, me pedem para fazer o que seus familiares deveriam fazer. Nosso sistema de saúde não tem asilos ou hospitais organizados para o cuidado dos doentes terminais. Então, eles costumam ficar em enfermarias de hospitais ou revezar em diferentes hospitais até morrerem. Antes, na Eslovênia os cuidados de enfermagem a domicílio costumavam ser de qualidade, mas começaram a declinar devido à recente crise econômica. Cuidar da saúde tornou-se muito caro para os pobres. Desde então, menos pessoas podem pagar o atendimento em domicílio, então eles ficam em casa, independentemente se alguém está lá para cuidar delas ou não. Aqui é o campo social onde eu posso tentar organizar ajuda ou cuidar deles de acordo com as possibilidades e necessidades.

Além de meu trabalho profissional, dedico algum tempo no trabalho paroquial, que é uma maneira de equilibrar a minha vida num ambiente médico lidando com o sofrimento e a morte o tempo todo. Trabalho como catequista, com crianças e jovens, e participo de uma equipe envolvida em diferentes projetos paroqui-

ais. A ênfase principal do nosso trabalho é criar um ambiente acolhedor, onde as pessoas se sintam aceitas e amadas. Nesse ambiente, as pessoas descobrem com muito mais facilidade que Deus as ama. Na Eslovênia, tanto o regime comunista como o liberalismo selvagem criaram um clima hostil contra as pessoas religiosas e especialmente contra o clero. É evidente que a recente questão financeira de Maribor, na qual a Igreja perdeu grandes quantias de dinheiro por investimentos errados, aumentou o ódio contra a Igreja Católica, que no passado foi a religião majoritária. Em um clima tão hostil, apenas o testemunho sincero de minha vida e das minhas relações pessoais podem testemunhar o amor de Deus. Na minha experiência, poder trabalhar com os Padres Lazaristas tem gerado muitos frutos nas dimensões espirituais e concretas dos nossos esforços e iniciativas de colaboração entre homens e mulheres.

Na Província da Eslovênia, há uma série de possibilidades para servir os pobres hoje e faltam Irmãs jovens, em contraste com o passado, quando as Irmãs eram muito mais numerosas mas não tinham autorização para realizar publicamente sua missão. Acredito fortemente que Deus tem sua própria maneira de tocar os corações e sustentar os diferentes serviços aos pobres, independentemente do êxito de nossos projetos. O que desejo para minha vida de Filha da Caridade é dar testemunho de um Deus amoroso, ser uma Irmã que está com as pessoas em seu sofrimento e solidão, que compartilha os seus problemas e suas lutas, que alivia sua dor com medicamentos, mas também segurando sua mão.

Irma Marta JERMAN,  
*Filha da Caridade*